

APAV®



Apoio à Vítima

RECORTES DE IMPRENSA

MARÇO 2018



APOIO



THE HOUSE OF PR



Rotary lunch in aid of victim support

CONRAD || Almancil International Rotary Club (AIRC) is celebrating International Women's Day earlier, on Saturday, March 3, with a fundraising lunch and fashion show at the Conrad Algarve Hotel in Quinta do Lago, from 12 noon.

All proceeds raised from the event will go to victim support association APAV, which provides safe houses and assistance for women who have suffered domestic abuse, together with their children, and women who have been trafficked into Portugal.

The association receives a limited amount of funding from the government but is desperately short of clothing, food, and basic toiletries for the women and equipment for the safe houses, located primarily in the Algarve.

AIRC President Claire Busbridge said: "We hope to raise a considerable

amount of money to help these vulnerable women to enjoy a better existence. In the past, we have supported disadvantaged children and the elderly but International Women's Day (March 8) gives us the opportunity to do something specifically for women."

Speakers will include Katharina Schlaipfer, General Manager, Conrad Algarve, Claire Busbridge and Ana Paula Marques, a local business owner.

The women's and men's fashion show is being organised by Helen Foster of the Cotton Lovers Outlet in Almancil.

Entertainment will be provided by award-winning accordionist Rodrigo Veloso.

Price is €40 for a three-course meal, including drinks.

Tickets can be purchased by calling 915 399 727 or emailing dorothy@rotaryalmancil.org



APAV

Apoio a Familiares de Víctimas de Homicídio chegou a 76 pessoas

Em 2017, a Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Víctimas de Homicídio da APAV acompanhou 51 familiares e amigos de vítimas de homicídio consumado ou tentado e 25 vítimas directas de homicídio tentado, num total de 76 pessoas. A rede foi criada para apoiar as chamadas "víctimas ocultas" do crime de homicídio.



ID: 73862408

03-03-2018

APAV**APOIO A 76 VÍTIMAS DE HOMICÍDIO**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) deu apoio, em 2017, a 76 vítimas de crimes de homicídio (consumados e tentados) e a 563 familiares e amigos dessas vítimas.



ID: 73881248

05-03-2018

POR ANTECIPAÇÃO

Vitória celebrou Dia da Mulher

O Vitória de Guimarães assinalou ontem o Dia Internacional da Mulher com frases alusivas à data nos espaços reservados para os nomes dos futebolistas, na receção ao Belenenses.

Promovida em conjunto com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e com a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), a iniciativa do clube vimaranense alusiva ao dia 8 de março procura alertar para a «obrigatoriedade do fim da violência e do abuso de mulheres», lê-se em comunicado entregue aos jornalistas.

As camisolas brancas envergadas pelos jogadores vitorianos incluem frases como «mulheres estudam mais, mas recebem menos», «tráfico humano: 80% são mulheres», «uma em cada três mulheres sofreu violência na vida», «140 milhões são vítimas de mutilação genital» e «direitos das mulheres, direitos humanos».



ID: 73882195

05-03-2018

I LIGA

Jogo em nome das mulheres

GUIMARÃES 0
BELENENSES 0

ESTÁDIO D. Afonso Henriques
ÁRBITRO Jorge Sousa (Porto)
ASSISTENTES Nuno Manso e Bruno Trindade

GUIMARÃES: Douglas, João Aurélio, João Afonso, Denis Duarte, Konan, Rafael Miranda, Francisco Ramos (Sturgeon, 79), Matheus Oliveira, Hurtado (Rafael Martins, 63), Raphinha e Welthon (Héldon, 63).

BELENENSES: André Moreira, Diogo Viana (André Geraldes, 85), Gonçalo Silva, Sasso, Nuno Tomás, Florent, André Sousa, Fredy, Bakic (Yebda, 70), Licá e Maurides (Nathan, 63).

DISCIPLINA Amarelo a João Afonso (21), Bakic (60), Welthon (62), Nuno Tomás (62) e João Aurélio (78).

O Vitória de Guimarães e Belenenses não foram ontem além de um nulo, num jogo em que a equipa da casa, agora orientada por José Peixeiro, assinalou o Dia Internacional da Mulher com frases alusivas à data nos espaços reservados para os nomes dos futebolistas.

Promovida em conjunto com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e com a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), a iniciativa do clube vimezanense alusiva ao dia 8 de Março procura alertar para a "obrigatoriedade do fim da violência e do abuso de mulheres", lê-se em comunicado entregue aos jornalistas.

As camisolas brancas envergadas pelos jogadores vimezanos incluíam frases como "mulheres estudam mais, mas recebem menos", "tráfico humano: 80% são mulheres", "uma em cada três mulheres

sofreu violência na vida", "140 milhões são vítimas de mutilação genital" e "direitos das mulheres, direitos humanos".

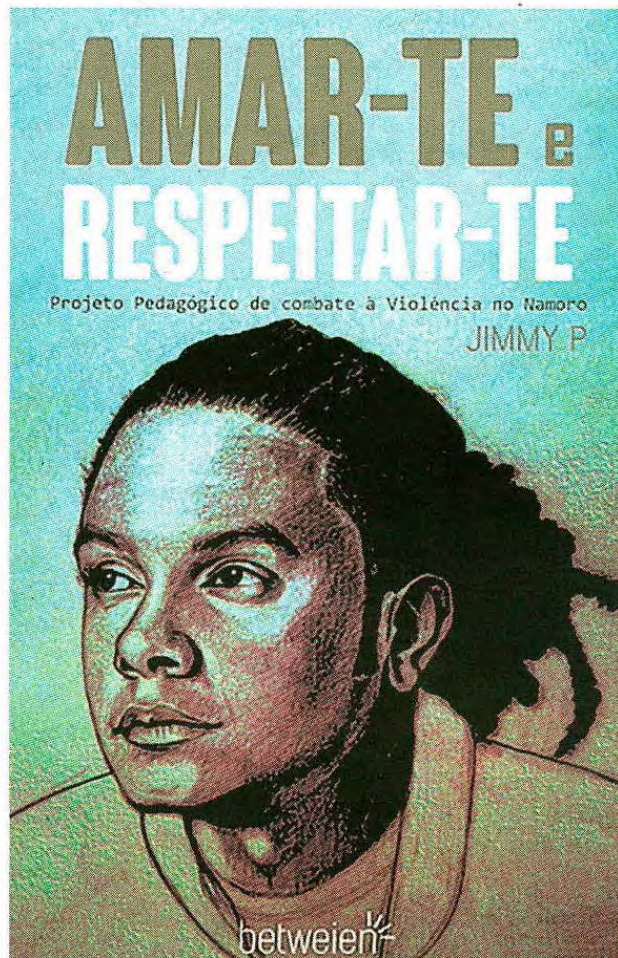
A nota do clube vimezanense indica ainda que, apesar do Dia Internacional da Mulher ter sido criado no século XIX, "no contexto das lutas femininas por melhores condições de vida e de trabalho e pelo direito ao voto", os problemas relacionados com os direitos das mulheres ainda "persistem em pleno século XXI".

De resto, no encontro, que até foi bem disputado, com sinal mais para a formação da casa, ambas as formações acabaram por pecar na finalização, pelo que o nulo se registou até ao apito final.

O Guimarães somou o quarto jogo sem vencer enquanto o Belenenses somou o terceiro jogo a pontuar.



Guimarães e Belenenses anularam-se ontem. FOTO LUSA



Violência no Namoro abordada para alunos da Escola Secundária

A violência no namoro é um ato de violência – pontual ou contínua – cometida por um dos parceiros, ou por ambos, numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação.

O Cine Teatro João Verde recebeu, no passado dia 19 de fevereiro uma ação de sensibilização para a violência no namoro e que contou com a presença de Jimmy P.

Os alunos da Escola Secundária de Monção assistiram a peça de teatro “Amar-te e Respeitar-te”. Este projeto pedagógico de combate à Violência no Namoro, desenvolvido em coautoria com o músico Jimmy P, que visa capacitar e dotar os e as jovens com ferramentas de diagnóstico e de prevenção de comportamentos agressivos nas relações de namoro, dos próprios e/ou dos seus pares.

A iniciativa contou ainda com a apresentação de livro com histórias ficcionadas sobre a violência no namoro e a performance musi-

cal de Jimmy P. Na ocasião, todos os alunos receberam mochilas com a imagem e slogan vencedor do ano passado: “Tens que respeitar se queres namorar!”. Trabalho criativo da autoria de Jéssica Fernandes, Marta Silva, Jorge Brito e Guilherme Rocco, da EPRAMI, delegação de Monção.

Este projeto beneficia ainda de uma parceria estratégica com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que possibilitou, entre outros aspetos, a disponibilização da Linha de Apoio da APAV no site do projeto, com o intuito de ser mais uma via de contacto e de pedido de ajuda para todos/as os/as intervenientes num comportamento agressor numa relação de namoro.



PERSONALIDADES
MASCULINAS
2017

OS HOMENS QUE MARCARAM 2017

A LUX VOLTOU A PREMIAR O TALENTO, O PROFISSIONALISMO E A DEDICAÇÃO DOS HOMENS PORTUGUESES. PELO SÉTIMO ANO CONSECUTIVO, OS LEITORES DA LUX E DO SITE LUX.PT ESCOLHERAM OS VENCEDORES ENTRE 39 CANDIDATOS, NOMEADOS POR UM JÚRI INDEPENDENTE E PRESTIGIADO, EM 13 CATEGORIAS: MÚSICA, CINEMA, TEATRO, TELEVISÃO (FICÇÃO, ENTRETENIMENTO E INFORMAÇÃO), LITERATURA, ARTES PLÁSTICAS, MODA, DESPORTO, POLÍTICA, NEGÓCIOS E SOLIDARIEDADE.

Os votos já estão contados. Durante várias semanas, os leitores da Lux e os seguidores do site Lux.pt elegeram os homens que mais marcaram 2017 e sabe-se ago-

ra quem são os vencedores nas diferentes categorias, que vão da política aos negócios, da solidariedade ao desporto e da informação às diferentes artes. É por aí que começamos. Na Música, **Paulo de Carvalho** conse-

guiu conquistar a maioria dos leitores, destronando o fadista Camané e o vencedor da Eurovisão, Salvador Sobral. O artista, que celebrou 70 anos de vida e 55 de carreira em 2017, lançou o álbum "Duetos", onde

regravou êxitos na companhia de outros artistas. No Cinema, um ator acabou por derrotar dois realizadores. O feito é de **Nuno Lopes**, muito devido à sua interpretação no filme "São Jorge", que já lhe tinha garantido



Paulo de Carvalho é o vencedor na categoria Música. No ano em que celebrou 55 anos de carreira, o cantor lançou o álbum "Duetos" e assinalou a data com um concerto na Praça do Município, em Lisboa

SEAT Leon ST

**Oferta de +4.500€
pelo seu carro antigo.**



No Cinema, o grande vencedor é o ator **Nuno Lopes**, tendo superado os votos dos realizadores **Joaquim Leitão** e de **Vicente Alves do Ó**. No Teatro, a vitória é de **Diogo Infante**, diretor artístico do Teatro da Trindade, em Lisboa

o Prémio Especial Melhor Ator em Veneza. Nesta categoria, **Nuno Lopes** competia contra **Joaquim Leitão** e **Vicente Alves do Ó**. Pelo segundo ano conse-

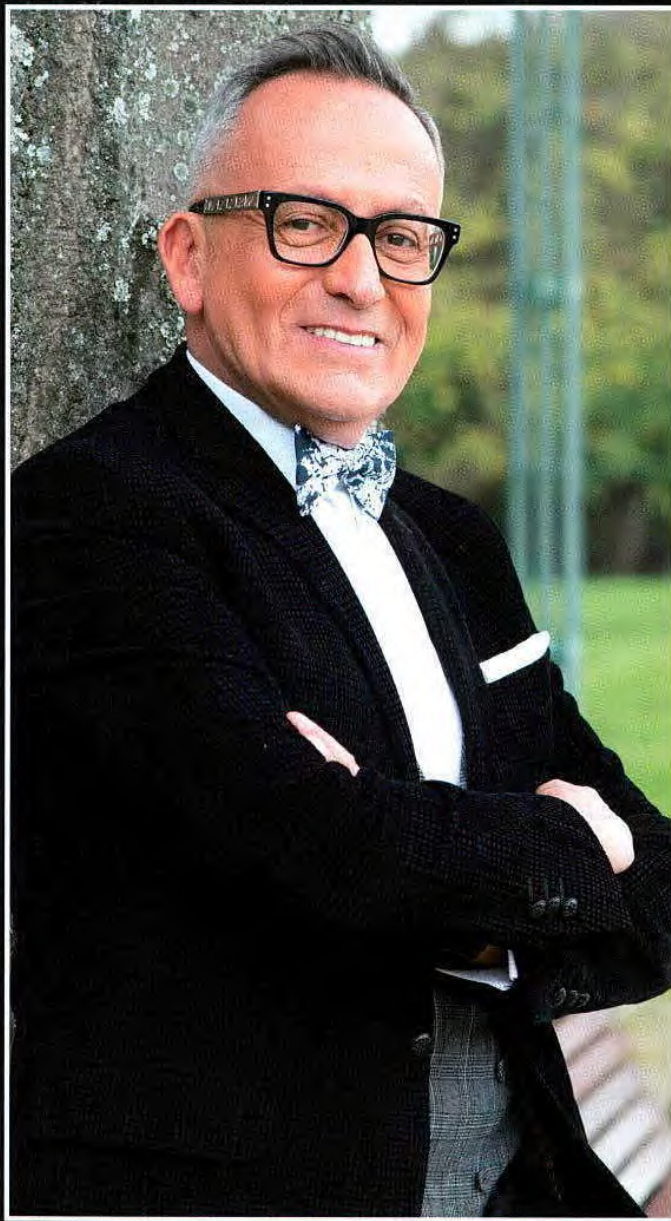
cutivo, **Diogo Infante** voltou a ser distinguido pelos leitores da **Lux**, mas desta vez noutra categoria. No Teatro, o ator derrotou os veteranos **João Perry**



Outras ofertas na restante gama Leon.

Pronto para tudo.

SEAT



Pedro Barroso garantiu a vitória na categoria de Televisão – Ficção, deixando para trás os colegas atores José Wallenstein e Paulo Pires. Manuel Luís Goucha é o apresentador preferido dos leitores da Lux, vencendo mais uma vez a categoria de Televisão – Entretenimento

e Virgílio Castelo, depois de protagonizar o clássico "Quem Tem Medo de Virginia Woolf?" e de assumir o cargo de diretor artístico do Teatro da Trindade. No ano passado, Diogo tinha ganho na categoria de Televisão – Ficção, tendo sido agora sucedido por **Pedro Barroso**, que se destacou na pele do cigano Roni Raña, na novela da TVI "A

Herdeira", e na do antagonista César Augusto, na série da RTP "Vidago Palace". O ator conseguiu a maioria dos votos, à frente de José Wallenstein e Paulo Pires. Da representação para a apresentação, os leitores da revista Lux não surpreenderam: pelo sétimo ano consecutivo, **Manuel Luís Goucha** venceu na categoria Televisão – Entreteni-

SEAT Leon ST

**Oferta de +4.500€
pelo seu carro antigo.**



Em Televisão – Informação, a vitória é de José Alberto Carvalho, da TVI, que deixou para trás o colega de estação Pedro Pinto e Bento Rodrigues, da SIC. O humorista Ricardo Araújo Pereira é o eleito na Literatura, vencendo António Damásio e Gonçalo M. Tavares

mento, derrotando, desta vez, César Mourão e João Baião. No ano passado, a estrela da TVI continuou ao lado de Cristina Ferreira no "Você na TV", apresentou "Masterchef Júnior" e um especial de "A Tua Cara Não Me É Estranha". Na categoria Televisão – Informação, também há um repetente: **José Alberto Carvalho** ganhou pela

segunda vez, ficando à frente de Bento Rodrigues, da SIC, e de Pedro Pinto, seu colega na TVI. O trabalho do jornalista no "Jornal das 8", no canal generalista, e na "21.ª Hora", na TVI24, mereceram os votos dos leitores da Lux. **Ricardo Araújo Pereira**, autor do livro "Reaccionário com Dois Cês", foi o mais votado na categoria Literatura.

Outras ofertas na restante gama Leon.

Pronto para tudo.





Bordalo II, criador da exposição "Attero", ganha o prémio na categoria de Artes Plásticas, ficando à frente de Manuel Aires Mateus e Vhils. Na Moda, é Miguel Vieira o preferido dos leitores da Lux e do site Lux.pt, premiando os seus 30 anos de carreira

A obra junta crónicas sobre temas como Portugal, liberdade de expressão, redes sociais e política, e garantiu ao humorista a maioria dos votos dos seguidores da Lux, ficando à frente dos autores António Damásio e Gonçalo M. Tavares. Nas Artes Plásticas, foi **Bordalo II** o vencedor. Em 2017, cerca de 27 mil pessoas visitaram a sua primeira exposição a solo, na qual o artista deu vida a diferentes

animais recorrendo a peças recolhidas do lixo. A originalidade das obras impressionou e fez de "Attero" um caso de sucesso. Na mesma categoria estavam também nomeados o arquiteto Manuel Aires Mateus e o artista Vhils. **Miguel Vieira** destacou-se na categoria Moda, na qual competia contra o também estilista Filipe Faisca e o modelo Francisco Henriques. O criador celebrou 30 anos de carreira



SEAT Leon ST

**Oferta de +4.500€
pelo seu carro antigo.**



O surfista Frederico Morais é o eleito na categoria de Desporto, ficando à frente do melhor jogador do mundo, Cristiano Ronaldo, e do piloto Miguel Oliveira. Na Política, foi novamente Marcelo Rebelo de Sousa quem recolheu a maioria dos votos

em 2017 e celebrou o aniversário com a coleção "30th Miguel Vieira Private Collection", apresentada em Milão. No Desporto, **Frederico Morais** conseguiu a maioria dos votos, numa categoria onde competia contra o melhor jogador do mundo, Cristiano Ronaldo, e contra o piloto na classe de Moto2, Miguel Oliveira. Em 2017, o surfista participou no World Tour e foi distinguido com o prémio de Surfista

Europeu do Ano, atribuído pela EuroSIMA. O Presidente da República Portuguesa voltou a ser o grande vencedor na categoria Política, destronando o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, e o ministro das Finanças e presidente do Eurogrupo, Mário Centeno. Em 2017, **Marcelo Rebelo de Sousa** voltou a demonstrar o seu lado mais humano, aquando das tragédias dos incêndios, e exigiu



Outras ofertas na restante gama Leon.

Pronto para tudo.





Pelo terceiro ano consecutivo, José Avillez é o vencedor na categoria de Negócios, derrotando Gonçalo Castel-Branco e Nuno Carvalho. João Lázaro vê o seu trabalho na APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima distinguido na área da Solidariedade

responsabilidades e mudanças em temas que marcaram o ano. Na categoria Negócios, o chef **José Avillez** conseguiu destinar Gonçalo Castel-Branco, CEO do comboio The Presidential, e Nuno Carvalho, diretor-geral de A Padaria Portuguesa. José Avillez viveu mais um ano muito positivo, conseguindo que o restaurante Belcanto passasse a ocupar o 85.º lugar na lista The World's 50 Best Restaurant List, na secção 51-100, da revista Restaurant, e fosse distingui-

do com o Garfo de Ouro pelo guia Boa Cama, Boa Mesa. Na Solidariedade, o presidente da direção da APAV, **João Lázaro**, foi o preferido. Na categoria, concorriam também Horácio Félix, diretor da Comunidade Vida e Paz, e Hunter Alder, o fundador da Refood, mas foi o trabalho desenvolvido na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima que mais cativou os leitores da Lux. ■

texto Vasco Pereira (vascopereira@lux.masamba.com)
fotos Arquivo Lux

SEAT Leon ST

Oferta de +4.500€
pelo seu carro antigo.



Aumenta número de queixas de vítimas de violência doméstica feitas à APAV

As denúncias junto do gabinete da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em Ponta Delgada, registaram em 2017 um aumento superior a 10%, na sua maioria de mulheres vítimas de violência doméstica, indicou ontem a associação.

Segundo a gestora do gabinete de apoio à vítima de Ponta Delgada da APAV, Raquel Rebelo, ainda não saiu o relatório estatístico, “mas através de uma análise qualitativa do ano os processos têm-se mantido em grande número e são, principalmente, de mulheres vítimas de violência doméstica”.

No Dia Internacional da Mulher, a responsável referiu que metade das denúncias de violência doméstica são feitas pelas próprias vítimas, mas 50% das queixas partem ainda de “pessoas conhecidas que estão preocupadas com o estado emocional destas mulheres”.

Segundo referiu, no ano 2016 foram registados 496 processos de apoio nos Açores, a maioria por violência doméstica e o perfil da vítima é do sexo feminino.

Raquel Rebelo falava à margem da assinatura de um contrato de cooperação entre a APAV e o Instituto de Segurança Social dos Açores (ISSA) para a comparticipação até cerca de 57 mil euros para obras num espaço cedido pelo instituto à associação.

Na ocasião, a Secretária Regional da Solidariedade Social frisou que, mais do que a adequação do espaço, o objectivo é assegurar “as condições para a APAV corresponder às necessidades das mulheres ou das vítimas de violência, em geral”.

“Hoje em dia, as vítimas não são exclusivamente mulheres”, mas este con-



tinua a ser, maioritariamente o género mais afectado, salientou Andreia Cardoso.

“O centro de atendimento da APAV não é a única resposta”, destacou a governante, “mas é uma resposta importante”, pelo que o executivo açoriano entendeu que “era fundamental valorizá-la e adequá-la àquelas que são as exigências dos dias que vivemos”.

Ontem, foi também formalizado um protocolo de gestão de três apartamentos com o Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, “para responder a necessidades habitacionais transitórias de mulheres vítimas de violência doméstica”.

Andreia Cardoso afirmou que, “numa fase subsequente ao acolhimento de emergência ou em casa de familiares, foi identificada a necessidade de termos

estas casas de transição ou autonomização” que permitam às mulheres preparar o seu regresso a uma vida independente.

O Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira é a instituição responsável por gerir a Equipa de Apoio à Mulher, disponível para atendimento à vítima 24 horas por dia, nas esquadras da PSP de toda a ilha de São Miguel, Centros de Saúde e em resposta a cidadãos particulares.

Andreia Cardoso lembrou que a Direcção Regional da Habitação, além deste género de parcerias, promove também outras formas de apoio à mulher em situação de risco, nomeadamente através da “discriminação positiva das famílias monoparentais e mesmo daquelas que são vítimas de violência doméstica na atribuição dos diversos programas que oferece”.

Segundo o executivo açoriano, na Região, existem actualmente 18 respostas sociais dirigidas ao atendimento e acolhimento de mulheres vítimas de violência, designadamente Centros de Atendimento, Casas Abrigo, Casas de Acolhimento Temporário e respostas de Acolhimento de Emergência.

Além destas, o Governo dos Açores criou, em 2016, uma linha telefónica regional e gratuita contra a violência, no âmbito de uma campanha de prevenção e combate à violência doméstica que chega a todo o arquipélago.

Esta linha, com o número 800 24 24 24, tem horário de atendimento por técnicos de cada uma das nove ilhas da Região entre as 08H30 e as 20H30, sendo redireccionada, fora deste período, para o número nacional de emergência - 112.

Aumenta número de denúncias por violência junto da APAV

Em Dia Internacional da Mulher, a Associação de Apoio à Vítima revela um aumento, em 2017, de 10% nas queixas

ANA PAULA FONSECA
afonseca@acorianooriental.pt

A delegação dos Açores da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou, no ano passado, um aumento de mais de 10% no número de denúncias de vítimas de crimes em comparação com 2016, continuando no topo as mulheres vítimas de violência doméstica.

Em 2016 e de acordo com os dados do relatório já publicado, registaram-se 496 processos de apoio nos Açores, a maioria por violência doméstica e 442 vítimas diretas de 796 crimes e outras formas de violência. Os dados de então davam conta que 57% dos crimes registados eram por maus-tratos físicos e os maus-tratos psíquicos.

Em 2017, o relatório estatístico ainda não foi publicado mas segundo Raquel Rebelo, gestora do GAV - Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, numa análise qualitativa do ano "os processos têm-se mantido em grande número e são, principalmente, de mulheres vítimas de violência doméstica que solicitam os nossos serviços". Precisa que se metade das denúncias de violência doméstica são feitas pelas próprias vítimas, os outros 50% são de "pessoas conhecidas que estão preocupadas

com o estado emocional destas mulheres". Acresce a estas denúncias outras situações como a discriminação no local de trabalho.

A gestora do GAV de Ponta Delgada falava à margem da cerimónia de assinatura do contrato de colaboração entre a APAV e o Instituto de Segurança Social dos Açores (ISSA, IPRA), no valor de cerca de 60 mil euros, para a adaptação de um espaço a Centro de Atendimento e Acompanhamento Social e decorreu em Ponta Delgada, em Dia Internacional da Mulher.

Uma reivindicação de anos, já que o atual edifício não corresponde, como admitiu a própria secretária regional da Solidariedade Social, às necessidades da APAV, que existe nos Açores há 10 anos. "Mais do que a adequação do espaço, o objetivo é assegurar as condições para a APAV corresponder às necessidades das mulheres ou das vítimas de violência, em geral", disse Andreia Cardoso.

"O centro de atendimento da APAV não é a única resposta", destacou a secretária regional, "mas é uma resposta importante", pelo que o executivo açoriano entendeu que "era fundamental valorizá-la e adequá-la àquelas que são as exigências dos dias que vivemos", para mais que "hoje em dia, as vítimas não são exclusivamente mulheres", mas este continua a ser, maioritariamente o género mais afetado, salientou a governante.

Na assinatura do contrato de cooperação, o presidente da APAV a nível nacional, João Lázaro, frisou que o novo espaço, vai permitir dar "um salto extremamente qualitativo e quantitativo no trabalho da associação"



Protocolo entre APAV e governo permite melhorar condições de atendimento e acompanhamento de vítimas de violência

e melhora a resposta da associação à comunidade.

Na Região, existem atualmente 18 respostas sociais dirigidas ao atendimento e acolhimento de mulheres vítimas de violência, designadamente Centros de Atendimento, Casas Abrigo, Casas de Acolhimento Temporário e respostas de Acolhimento de Emergência.

Além destas, o Governo criou, em 2016, uma linha telefónica regional e gratuita contra a violência, no âmbito de uma campanha de prevenção e combate à violência doméstica que chega a todo o arquipélago.

Esta linha, com o número 800 24 24 24, tem horário de atendimento por técnicos de cada uma das nove ilhas da Região entre as 08H30 e as 20H30, sendo redirecionada, fora deste período, para o número nacional de emergência -112.

A estas respostas acrescem agora três apartamentos de autonomização de mulheres vítimas de violência.

Ontem de manhã, a secretária regional assinou um protocolo com o Centro Social e Paroquial Nossa Senhora da Oliveira, responsável por gerir a equipa de

apoio à mulher, para a gestão de três apartamentos nos concelhos de Ponta Delgada e Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, destinados a responder a necessidades habitacionais transitórias de mulheres vítimas de violência e preparar a sua autonomização.

O Centro Social e Paroquial de Nossa Senhora de Oliveira é a instituição responsável por gerir a Equipa de Apoio à Mulher, disponível para atendimento à vítima 24 horas por dia, nas esquadras da PSP de toda a ilha de São Miguel, Centros de Saúde e em resposta a cidadãos particulares. ♦



APAV acompanhou 76 familiares e amigos de vítimas de homicídio em 2017

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) acompanhou no ano passado 76 familiares e amigos de vítimas de homicídios consumados e tentado, num total de 563 atendimentos realizados. Segundo o Relatório da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, em 2017 foram contabilizados 26 crimes na forma consumada, a que correspondem 27 alegados autores/as, 44 utentes e 240 atendimentos ou diligências efetuadas. Quanto aos homicídios na forma tentada, a APAV indica 29 crimes, correspondentes a 30 alegados autores/as, tendo sido 32 os utentes que beneficiaram do apoio prestado pela APAV, que registou ainda 323 atendimentos.



APAV apresenta relatório de rede de apoio

Resultados A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apresentou o relatório da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio

Os familiares e amigos da vítima de homicídio são designados, por alguns, de “vítimas ocultas”, uma vez que, mesmo não tendo sofrido na pele o crime, sofrem os efeitos que este deixa atrás de si quando é praticado contra alguém da família, ou contra um amigo.

É no entendimento de que este apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio é fundamental, que a APAV dinamiza a Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio, um projecto que já conta com cinco anos de actividade. Trata-se de uma rede que é de âmbito nacional, que conta com cerca de 30 colaboradores e voluntários e que se apresenta, como adiantou a APAV em comunicado, como uma “resposta especializada, adaptando o modelo de intervenção da APAV, que combina o apoio prático, social, psicológico e jurídico às necessidades reais dos familiares e amigos das vítimas de homicídio”.

Ainda de acordo com a associação, este apoio foi iniciado no início de 2013, em estreita colaboração com a Polícia Judiciária, entidade que detém a competência reservada de in-



A Rede apoiou 32 familiares/amigos das vítimas de homicídio em 2017

vestigação dos crimes de homicídio. Segundo o relatório apresentado, em 2017, esta estrutura da APAV “apoiou 32 familiares e amigos de vítimas de homicídios consumados e 44 vítimas, familiares e amigos de vítimas de homicídio tentado”. Este apoio expressou-se em 563 atendimentos especializados durante o ano transacto.

A APAV aproveita para relembrar que, em 2014, foi criado o observatório de imprensa de crimes de homicídio em

Portugal e de portugueses no estrangeiro - OCH -, com o objectivo de “ajudar a compreender melhor o fenómeno da criminalidade capital, ocorrida em Portugal, ou que tenha envolvido portugueses fora do território nacional”. Havia, por parte da rede, a necessidade de conhecer melhor o universo de crimes de homicídio em Portugal, para perceber qual a dimensão de crimes que se encontrava em apoio na APAV. Deste modo, o acompanha-

mento das notícias publicadas pela imprensa sobre os homicídios também “permite preparar melhor os técnicos da rede para o tipo de situação que vão encontrar, ou para ajudar os familiares/amigos a lidar com as notícias que vão sendo tomadas públicas sobre a morte do ente querido”. Durante 2017, o OCH contabilizou 77 crimes de homicídio noticiados pela comunicação social, ocorridos em Portugal, e 37 portugueses mortos no estrangeiro. ❖



ID: 74069891

16-03-2018

“Violência” financeira é uma das primeiras formas de violência doméstica

A “violência” financeira é um dos primeiros sinais de violência doméstica, um facto que serviu de ponto de partida para a ação de Educação Financeira organizada no dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher, pela Associação de Instituições de Crédito Especializado (ASFAC) em parceria

com Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Esta “violência” é exercida de diversas formas, desde o controlo de contas bancárias até à retenção de cartões de pagamento. Estas questões foram algumas das questões abordadas na ação de formação. Cerca de 50 pessoas entre

vítimas de violência doméstica e formadores e funcionários da instituição participaram nesta ação.

A ação de formação foi transmitida em direto para as 12 Casas Abrigo que a instituição tem em todo o país.

“A esmagadora maioria dos abusadores exerce um excesso de

controlo sob a vida das vítimas, a começar pelo dinheiro das mesmas. É quase como se existisse uma tranca na porta”, recorda Susana Albuquerque, responsável pela formação e secretária-geral da ASFAC.

Por seu lado, Daniel Cotrim, responsável pelas Casas Abrigo da

APAV, destacou “a importância da formação financeira na capacitação ou libertação destas mulheres”.

A APAV acolhe neste momento 47 mulheres e crianças vítimas de violência doméstica, sendo a educação financeira uma importante ferramenta de sobrevivência.

Na Casa de Atalaia

MÊS DE MARÇO DEDICADO À MULHER



Créditos: Jorge Figueira

Ana Vicente (Ex- Presidente da Câmara Municipal de Palmela e actual Presidente da Assembleia Municipal de Palmela), que, no passado sábado, falaram se juntaram para celebrar a mulher e o papel que desempenham na sociedade.

Segundo Lurdes Atalaia, responsável pelo espaço, “o objetivo foi dar a conhecer cada um dos percursos de vida e como chegaram onde estão neste momento: quais as decisões, o que tiveram de abdicar, ou seja, uma conversa informal de forma a de-

monstrar que a Mulher é capaz de assumir várias frentes ao longo do seu percurso de vida, de forma a encorajar jovens a ouvi-las e a seguir percursos semelhantes”.

De referir que durante o mês de Março cada jantar que se organize na Casa de Atalaia, 2.50€ reverterão a favor da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Paralelamente, está patente a exposição “Mulher”, da autoria de Alexa de Jesus e Vanessa Teodoro.

A Casa de Atalaia, em Palmela, dedicou o mês de Março à Mulher, promovendo desta forma um jantar que reuniu diversas mulheres, com testemunhos de vida diferentes e com estórias infinitas. Cinco mulheres empreendedoras

do panorama nacional: Eduarda Abbondanza (Directora-Geral da Moda Lisboa), Paula Gustavo (Directora-Geral do Grupo de Comunicação WAT), Carla Macedo (Directora-Executiva da revista online delas.pt), Ana Paula Almeida (Jornalista da SIC) e





'Há uma desconfiança histórica sobre as vítimas de crimes sexuais'

Isabel Ventura A sua tese de doutoramento, sobre a história do crime de violação na legislação portuguesa, sai agora em livro. As vítimas de violação foram historicamente incentivadas a calar-se “para o seu próprio bem”, diz a socióloga

Entrevista Aline Flor

A socióloga Isabel Ventura revisitou a história do crime de violação na legislação portuguesa no seu doutoramento, que recebeu o Prémio APAV para a Investigação 2016. *Medusa no Palácio da Justiça ou Uma História da Violação Sexual* é agora publicado na Tinta da China.

Os códigos penais mudam, mas as pessoas que aplicam as leis continuam a fazer interpretações antiquadas?

O que verifiquei é que há aquilo a que chamei ideias flutuantes. São ideias que atravessam muito tempo, por vezes séculos. Percebi que é importante situarmo-nos historicamente quando, numa entrevista, alguém me explicava que o crime de coito oral é menos grave do que a cópula, a penetração peniana vaginal. Como isso não está na lei, perguntei por que é que dizia isso, e ela respondeu: porque o artigo da violação tem uma história. E portanto esta pessoa justificou a maior gravidade de uma prática sexual com base na história do artigo, mesmo quando o crime de violação actualmente inclui toda a penetração de forma equiparada. **Estas ideias flutuantes estão relacionadas com questões de género?**

É fundamental entender que o crime de violação começa por ser um crime contra a propriedade. As mulheres eram um bem alienável porque são reprodutoras, e por isso uma mulher virgem era muito mais valiosa, para assegurar a legítima transmissão da propriedade. No mundo patriarcal, é fundamental assegurar que o herdeiro é legítimo. Se ela perdesse essa virgindade, perdia valor no mercado matrimonial. É isto que está em causa na génese do crime de violação. Este crime

tinha até recentemente um modelo de homem que penetra vaginalmente uma mulher contra a sua vontade ou mediante violência ou ameaça grave. Isto vai evoluindo, entretanto a legislação adoptou o modelo francês em que todas as práticas penetrativas são consideradas violação. Mas ainda permanece esta ideia flutuante sobre a virgindade, a ideia de que a experiência sexual de alguma forma torna as mulheres imperfeitas, em particular se for fora de quadros autorizados, como era o casamento.

Nas decisões mais recentes, ainda se encontram argumentos deste género?

Acho que se pode encontrar um pouco de tudo, porque a nossa jurisprudência, à semelhança de outras, não é homogénea. Facilmente a conseguimos agrupar entre uma jurisprudência mais progressista, respeitadora dos direitos humanos, e uma outra mais conservadora e que fundamenta as decisões com doutrina antiquada. Há muitas circunstâncias a concorrerem para as decisões judiciais. Aliás, há uma frase de uma pessoa da magistratura que entrevistei que acho profundamente honesta e muito crua, em que me diz: “Eu sei que isto pode parecer chocante para alguém que um dia pode estar em tribunal e pensar que esta pessoa pode ter almoçado bem e apreciar a prova de uma maneira, ou pode ter dormido mal e apreciar a prova de outra maneira, e é verdade, não lhe vou dizer o contrário.” Para mim, esta é uma frase profundamente honesta, que revela uma enorme autocritica e o reconhecimento de que há um conjunto de circunstâncias, umas mais objectivas do que outras, que interferem na forma de decidir ou pelo menos de apreciar a prova. **Não devia então haver mais escrutínio?**

Acho que há crítica interna na

magistratura, e quando analisei as revistas de direito portuguesas isso era muito claro. Vi várias críticas a acórdãos em revistas jurídicas portuguesas, e acredito que haja esse diálogo interno. Acho que o direito iria ganhar se dialogasse de forma regular com outros sectores, nomeadamente com a academia e as ciências sociais. Não estou a dizer que esse diálogo não exista, mas era importante ser mais aprofundado e mais visível.

O que é preciso para que os magistrados obedeçam, por exemplo, a orientações internacionais que exigem o reconhecimento de violência contra as mulheres?

Acho que não é humanamente possível exigir a um magistrado que tenha uma actualização permanente sobre tudo. Devia haver tribunais especializados para crimes violentos, incluindo os crimes de violência sexual e os crimes contra as mulheres. Todas as pessoas que sejam vítimas de crimes violentos deveriam ter acesso a um conjunto de procedimentos que salvaguarde o seu desempenho durante todo o processo. É muito revelador sobre o papel que o nosso direito dá às pessoas vitimadas, que nem sequer salvaguarda que elas não tenham que se cruzar com quem as agrediu, que as faça ir a tribunal prestar declarações como se fossem em primeiro lugar apenas uma prova, e não tenha o cuidado de pensar no efeito que isto tem nestas pessoas e que apoio é que estas pessoas deveriam ter.

Esse é um dos argumentos para que o crime de violação não seja tornado público. O sistema já tem ferramentas para proteger as vítimas?

Quando analisamos a evolução dos crimes contra a autodeterminação sexual, por exemplo, que têm que ver com as crianças, vemos que esses mecanismos de



O crime de violação começa por ser um crime contra a propriedade. As mulheres eram um bem alienável porque são reprodutoras, e por isso uma mulher virgem era muito mais valiosa

protecção das vítimas têm que ser ajustados, ou têm que ser criados e depois implementados. Ter um crime como o de violação como semipúblico significa que ainda é preciso que seja a vítima a apresentar queixa. E é preciso ver o que é que a literatura diz sobre por que é que as vítimas querem ou não apresentar queixa. Quando dizem que não querem apresentar queixa, as vítimas têm medo de várias coisas. Do sistema judicial, de não lhes ser dado crédito, o que é lógico, porque sabemos que há uma desconfiança histórica sobre quem conta que foi vítima de um crime sexual. Há também o medo muito real de sofrerem uma nova vitimação, porque em diversos casos se verifica que há uma ameaça contínua depois da apresentação da queixa.



Devia haver tribunais especializados para crimes violentos, incluindo os crimes de violência sexual e os crimes contra as mulheres



NUNO FERREIRA SANTOS

A violência doméstica é crime público desde 2000. As queixas aumentaram, há mais reconhecimento social, mais protecção da vítima. Poderia haver um efeito semelhante ao tornar público o crime de violação?

Quando parti para este trabalho, achava que a vítima devia ter sempre a última palavra relativamente à decisão de apresentar queixa ou não. Até que comecei a perceber que há um desincentivo à apresentação das queixas por variadas razões, e isto ao longo de séculos. As vítimas eram incentivadas a calar e esquecer, e o argumento era sempre: “É para o teu bem, porque não há maneira de condenar o agressor sem te magoar a ti”. **E ainda hoje é usado esse**

argumento?

Sim. Acima de tudo, também é dito que as pessoas devem ter direito à escolha, mas fui-me apercebendo de que algumas vítimas têm direito à escolha, mas outras não. Se for menor de 14 anos, ou se for uma vítima de tráfico para fins de exploração sexual, não tem direito a escolha nenhuma. Estas vítimas não têm os mesmos constrangimentos, ou até piores? Não vão sofrer os mesmos processos de revitimação? Devemos exigir que todos os sectores da sociedade, e o sistema judicial em particular, criem condições para dar maior dignidade à vítima no processo penal. Não quero pintar um cenário de que não se faz nada, de que é tudo horrível nos tribunais. Não é tudo horrível, mas

é um acaso. Podemos encontrar uma equipa muito motivada, com condições de trabalho e que já tem alguma formação. Há muitas situações em que as pessoas reportam que foram bem acompanhadas, mesmo pela polícia. Mas isto pode não acontecer por vários motivos, e não pode ser assim, porque estamos a falar de pessoas que passaram por processos traumáticos frequentemente muito violentos. Enquanto sociedade, não nos deveríamos conformar com isso. **Mas o sistema está preparado?** Quando estive nos tribunais, o que vi foi magistrados que tinham muito cuidado na inquirição às vítimas, e que mediavam com bastante assertividade os inquéritos conduzidos pelos advogados, que podem ser desagradáveis e mesmo ofensivos. Não posso concluir só com a observação que fiz, que foi muito centrada em determinados tribunais, que isso é o cenário geral. Não sei se é. Gostaria muito que fosse.

Isso leva-nos à Medusa. Por que é que é essa a figura a que recorre para retratar o percurso das vítimas de violação?

Numa das versões do mito da Medusa, ela era uma donzela que vivia no templo de Atena, onde foi violada pelo deus Neptuno. Atena ficou furiosa com a violação do seu solo sagrado e dirigiu a sua raiva para a vítima. Uma das coisas que aconteceu à Medusa foi uma transformação física, transformou-se num ser cujo semblante era tão horrível que provocava a morte. Mas aquilo que mais me tocou foi o facto de a Medusa ser condenada à solidão, quando vai viver para uma ilha onde as únicas pessoas que se aproximam são para a matar. Costumo dizer que ela era a personagem mais só da Antiguidade. E este sentimento de solidão, de profundo silêncio à sua volta, e de uma trajectória de sofrimento e de isolamento, é muito característico das pessoas que passaram por processos de vitimação sexual.

É um caminho tortuoso? Muitas vezes existe esta ideia de que as vítimas têm que estar sempre a provar que o foram

para toda a gente, não só em sede judicial. Ela tem que ter um conjunto de comportamentos típicos, não só apresentar marcas de que resistiu, mas também denunciar logo. Esta ideia está completamente desconectada da realidade, porque apenas uma ínfima parte denuncia logo uma vitimação sexual. Muitas nunca dizem nada. E isto por variadíssimos motivos, um dos quais é a dúvida sobre se vão acreditar nelas, ou a culpa imensa que sentem porque de alguma forma acreditam que fizeram alguma coisa. Porque isso é-nos dito socialmente.

Às mulheres?

Isto pode acontecer também, obviamente, com os homens vítimas de violência sexual. Com as crianças, então, é impressionante. Elas sentem-se culpadas por muitos motivos, um dos quais é que os agressores lhes inculcam culpa e tentam, muitas vezes com sucesso, fazê-las acreditar que elas são cúmplices do crime.

Há diferenças em termos de género entre agressores e vítimas?

Daquilo que pude ler nas situações dos homens vítimas de violência sexual, é preciso dizer que a maioria são vítimas de outros homens. E quando esses homens são vítimas de outros homens, há muitos factores que vão fazer com que se tornem resistentes a apresentar uma queixa. Primeiro por quase todos os motivos que as vítimas mulheres apresentam, e por outro lado porque há uma vergonha acentuada, porque deles não se espera nunca que sejam fracos, vulneráveis. Há uma descrença sobre as vítimas, ou sobre todas as que não se enquadram no papel estereotipado de vítima.

E há ainda a desconfiança acrescida com que as mulheres são olhadas ao longo da história...

Permanece esta ideia flutuante. Os homens são encarados como a metade racional, que tem uma série de capacidades que são valorizadas, diferentes da outra metade, que se descontrola, que é emotiva. Isto muda perante a possibilidade de a metade racional masculina estar perante

a iminência de perder acesso às graças femininas. Aí há uma desculpabilização, que pode não ser evidente, e acontece, por exemplo, nos acórdãos de violência doméstica, perante um descontrolo dos homens quando as mulheres decidem ter uma vida mais autónoma. E a mesma coisa acontece em situações de violência sexual.

Os tribunais reproduzem este discurso?

Que eu saiba, nos tribunais não é dito desta forma, contrariamente ao que se tem pensado. Não é que não existam argumentos primários, simplistas, mas diria que, no geral, são muito mais subtis. Ou seja, reproduzem frequentemente uma série de ideias flutuantes, lógicas antigas, mas de uma forma reconfigurada, sofisticada. Por isso é que não é assim tão fácil desvelar a reprodução da desigualdade de género em todas as decisões, desde logo porque ela pode não existir em algumas. Ainda há alguns argumentos e fundamentações primárias, mas no geral considero-as bastante mais subtis.

Quando um acórdão diz que mulheres confiantes não têm motivos para continuar com companheiros agressores, considera isto um discurso gritante ou subtil?

Acho que, para muitas pessoas, não é gritante, porque para muitos sectores sociais as vítimas devem ter um determinado comportamento. Para mim, é gritante no sentido de revelar um enorme desconhecimento face a processos de violência na intimidade. Mas não significa que, em termos de argumentação, genericamente, seja profundamente simplista. Por exemplo, por vezes há uma tendência para a literalidade das coisas, e isto é mais subtil porque pode ser feito como uma análise meramente formalista, quando se está a discutir no abstracto normas jurídicas. Aí eu diria que é mais sofisticado do que, pura e simplesmente, dizer coisas que as pessoas rapidamente identificam como um disparate, como falar em mulheres “adúlteras”.

aline.flor@publico.pt



APAV teme que vítimas de crimes tenham de esperar ainda mais por compensação

Justiça
Ana Cristina Pereira

Governo propõe que, além de tratar destes processos, Comissão de Protecção de Vítimas de Crimes avalie e financie projectos

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) arrasou a proposta do Governo que redefine a missão da Comissão de Protecção de Vítimas de Crimes (CPVC), um órgão administrativo independente que funciona junto do Ministério da Justiça. Teme que o alargamento de funções venha “deteriorar ainda mais a capacidade de resposta” e “prolongar o tempo de espera”.

De acordo com a proposta aprovada em Conselho de Ministros no dia 22 de Fevereiro, as vítimas especialmente vulneráveis têm direito a receber uma compensação financeira do Estado, caso a indemnização não possa ser suportada pelo autor do crime. As vítimas que, por causa de um crime, se encontrem em situação de insuficiência económica podem, antes de concluída a instrução do processo, beneficiar de uma compensação mensal que não pode ultrapassar o salário mínimo nacional. Além de tratar desses processos, a CPVC deverá prestar informação a vítimas de crime em geral, através da Internet, e financiar entidades privadas que promovam os direitos e a protecção das vítimas.

Pedidos a crescer

O parecer da APAV começa por criticar este alargamento de funções. Instruir e decidir processos de indemnização, sublinha, “não tem qualquer relação” com avaliar projectos e actividades de promoção dos direitos e da protecção de vítimas de crime. A comissão é composta por operadores judiciais. A nova tarefa implicará fazer avaliações multidisciplinares e exigirá “um leque mais diversificado de competências e saberes”.

“Não se vislumbra na proposta ora em apreciação qualquer iniciativa no sentido de dotar a comissão de uma equipa mais vasta, quer do ponto de vista técnico, quer administrativo”, menciona o documento. Continuará a ser composta por um presidente e um vice-presidente indicados pelo



DANIEL ROCHA

Em Fevereiro, a comissão ainda estava a analisar pedidos de 2015

membro do Governo que tutela a Justiça, um magistrado apontado pelo Conselho Superior da Magistratura, outro pelo Ministério Público e um advogado pela respectiva ordem. A Secretaria-Geral do Ministério da Justiça continuará a garantir o apoio técnico, administrativo e logístico. “Teme-se que este acréscimo de trabalho, sem o correspondente crescimento de uma estrutura que já actualmente se revela deficitária, venha deteriorar ainda mais a capacidade de resposta e a qualidade da mesma e prolongar o tempo de espera dos cidadãos”, salienta a APAV.

Neste momento, o regime só abrange vítimas de crime violento e violência doméstica. Os pedidos vão entrando (157 em 2012, 257 em 2013, 248 em 2014, 331 em 2015, 311 em 2016, 293 em 2017) e aguardam

anos, apesar de a lei prever que a instrução esteja concluída no prazo de um mês. É que a comissão esteve parada e tem estado a recuperar atraso. Segundo o presidente daquele órgão, Carlos Anjos, as vítimas de violência doméstica já recebem resposta dentro de poucos meses, mas as de crime violento não – em Fevereiro ainda estavam a decidir os últimos pedidos de 2015.

Para já, a comissão funciona com verba proveniente do Orçamento do Estado. Como essa verba não chega, todos os anos tem havido transferências do Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos de Justiça. A lei prevê ainda o recurso a taxas e contribuições, bem como doações, heranças e legados. Abre-se agora a porta às “quantias fixadas a título de injunção pecuniária no âmbito da

suspensão provisória do processo ou de contribuição monetária no âmbito dos deveres impostos na suspensão da execução da pena de prisão”. A proposta, que está na primeira comissão da Assembleia da República e deverá ir a plenário no dia 6 de Abril, diz mesmo que o Ministério Público e os tribunais “devem eleger tendencialmente a comissão como destinatária das injunções pecuniárias”.

“Esta quase monopolização poderá prejudicar uma fonte de financiamento de diversas entidades da sociedade civil, na medida em que a canalização de algumas injunções para estas organizações pode revelar-se – e tem sido – um incentivo ao trabalho por elas desenvolvido em prol das vítimas de crime”, critica a APAV, que é uma das principais beneficiárias do actual regime.

Outros problemas

A Ordem dos Advogados já alertara o Governo para isto. Aquela prioridade “pode desvirtuar as características da injunção imposta e, sem dúvida, contribuir para retirar a outras instituições de enorme relevo social uma fonte de financiamento que pode ser absolutamente fundamental à persecução dos seus desideratos”, avisou o bastonário Guilherme Figueiredo, num parecer emitido em Maio de 2017.

Não é tudo. A comissão é que irá “definir as orientações e os critérios gerais” quer para a concessão de compensações às vítimas de crime, quer para a atribuição de apoio financeiro a entidades privadas que apresentem candidaturas a financiamento de projectos. E isso também preocupa a APAV. Parece-lhe que os actuais critérios, “sendo razoavelmente objectivos, garantem melhor a certeza e a segurança jurídicos”. Mesmo assim, têm dado “azo a interpretações que nenhuma correspondência encontram no texto da lei”. Como? “A jurisprudência recente da comissão exclui automaticamente o direito a indemnização de vítimas que ainda residam com o/a agressor(a) (quando tal pode acontecer, por exemplo, por razões de dependência económica) ou tenham um(a) novo(a) companheiro(a) (o que não significa obrigatoriamente que a situação de carência económica já não se verifique).”

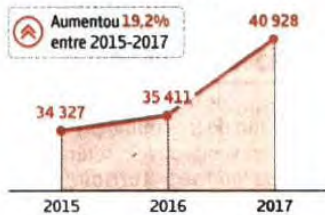


ID: 74236072

27-03-2018

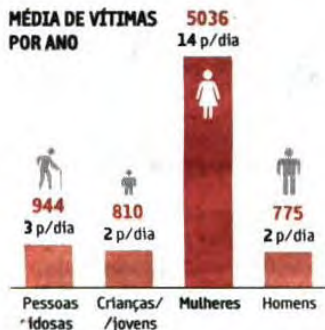
apoio à vítima : relatório de 2017

NÚMERO DE ATENDIMENTOS



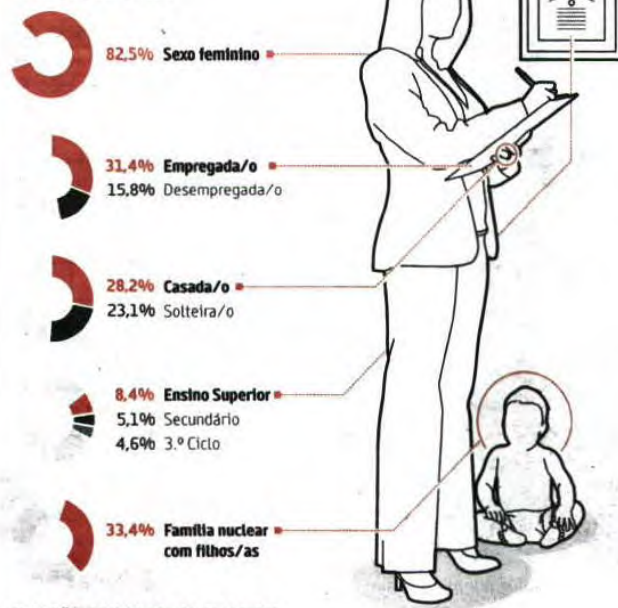
- 12 086** processos
- 21 161** crimes
- 9 176** vítimas

MÉDIA DE VÍTIMAS POR ANO

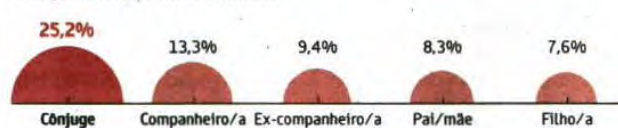


PERFIL GERAL DA VÍTIMA

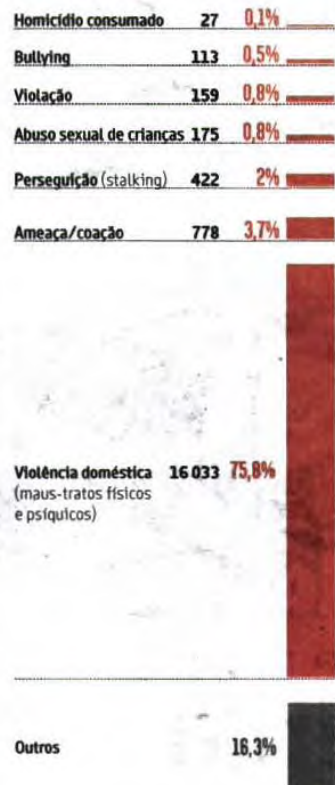
42 anos de idade média



RELAÇÃO COM AUTOR/A DO CRIME



CRIMES REGISTRADOS



FONTE: ESTATÍSTICAS APAV INFOGRAFIA IN

Relatório anual Associação de Apoio à Vítima identificou, em 2017, 16 mil crimes de violência doméstica, sobretudo sobre mulheres de média idade. Número de atendimentos aumentou 19% entre 2015 e 2017

Nove mil vítimas procuram ajuda

Hermana Cruz
hermana.cruz@jn.pt

► São cada vez mais as pessoas a pedir ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). E as situações que reportam são, de ano para ano, mais complexas. Em 2017, foram mais de nove mil as vítimas identificadas pela APAV, 82,5% das quais eram mulheres, com uma média de 42 anos. Pediram ajuda para lidar com situações que refletiam a prática de 21 mil crimes, 75,8% dos quais relacionados com violência doméstica. A APAV estima que tenham sido entre 20 e 25 mil as vítimas diretas e indiretas de crimes.

Segundo o relatório anual da APAV, a apresentar hoje, foram registados 40 928 atendimentos, no ano passado, mais 19% face ao período 2015/17: em 2015, foram

34 327 atendimentos e, em 2016, foram 35 411. Desses atendimentos, 56,6% foram feitos telefonicamente. "Também começam a ser interessantes as solicitações por email, redes sociais ou videochamada", diz o presidente da APAV, João Lázaro, referindo-se a uma realidade que representa 10,7% dos atendimentos, que resultaram em 12 086 processos de apoio.

No total, foram identificadas 9176 vítimas, das quais 3918 queixavam-se de violência doméstica. "Estimamos que sejam entre 20 mil e 25 mil as vítimas diretas e indiretas", revela João Lázaro.

O presidente da APAV ressalva, contudo, que nada leva a crer que tenha havido, em 2017, um aumento da criminalidade. "O que está a acontecer é que a APAV está a conseguir chegar a mais pessoas", explica João Lázaro. "Os cri-

Cibercrime Mais queixas por roubo de identidade

● Em 2016, foram 21 as pessoas que pediram ajuda à APAV por crimes praticados na Internet. Um ano depois, o número aumentou para 25. Um número que, à partida, pode não parecer significativo. Mas que o presidente da APAV valoriza, dado que deixa transparecer "a presença de novos fenómenos" na sociedade e demonstra que "ainda existe um grande trabalho a fazer de consciencialização dos comportamentos a ter no meio virtual". Segundo João Lázaro, a maioria das vítimas de cibercrime queixou-se de situações de roubo de identidade e injúrias.

mes que nos chegam também são mais complexos", acrescenta o presidente da APAV, referindo-se, por exemplo, a situações de violação de correspondência associada a violência e casos de violência sobre crianças ou jovens (810 vítimas identificadas).

Mais vítimas de crimes sexuais Segundo o relatório, em 2017, a APAV apoiou 488 vítimas de crimes sexuais (85,3% eram mulheres), mais 159 face a 2016. Em 10,5% dos casos reportados, o agressor era filho da vítima.

A APAV também sinalizou 415 vítimas "stalking", sendo que 47,9% das perseguições foram feitas por um ex-companheiro. E foram ajudadas 107 vítimas de bullying. Eram sobretudo jovens, com uma média de 17,6 anos, maltratados por colegas da escola. ●



VIOLÊNCIA

Uma em dez agressões acontece na via pública

Relatório da APAV aponta que 60% das vítimas não identificam há quanto tempo decorrem os abusos.

JOÃO MONIZ
jmoniz@destak.pt

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) divulgou ontem o seu relatório anual, que aponta para uma subida de 19,7% nos atendimentos entre 2015 e 2017, ano em que se verificaram 40 928 solicitações. Daqui resultaram 12 086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9176 vítimas e 21 161 crimes e outras formas de violência.

Os crimes contra as pessoas apresentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total de crimes registados, «com grande destaque» para os 16 033 crimes de violência do-



Relação amorosa predomina entre agressores e vítimas, refere a APAV

méstica (75,7%). A APAV também aponta os 103 casos de bullying e as 621 denúncias e pedidos de ajuda relacionados com crimes sexuais, que levaram à posterior identificação de 488 vítimas.

Dos dados analisados pelo **Destak**, conclui-se que 82,5% das vítimas eram mulheres, maioritariamente entre os 25 e os 54 anos (38,9%). Eram sobretudo casadas (28,2%), embora sem grande diferença percentual para as solteiras (23,1%), e 60% foi agredida por um cônjuge, companheiro, namorado ou ex.

As agressões ocorreram sobretudo numa residência comum (52,4%) mas 12,1% verificaram-se num lugar ou via públicos. Além disso, 59,6% não sabe ou não responde há quanto tempo era vítima, mas as queixas às autoridades são maioritárias (46%).



ID: 74252791

28-03-2018

Quase metade das vítimas dos Açores receberam apoio em Ponta Delgada

APAV registou 439 processos no ano passado

O Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Ponta Delgada registou, no ano passado, um total de 439 processos e 798 crimes e outras formas de violência, que envolveram 402 vítimas directas.

Quase metade das vítimas registadas nos Açores foram apoiadas em Ponta Delgada. Os dados foram ontem divulgados pela Associação de Apoio à Vítima (APAV), no relatório anual, que indica que a grande maioria dos crimes registados são crimes contra as pessoas, com uma dimensão de cerca de 96% face ao total. De entre estes, o destaque vai para os crimes de violência doméstica (maus tratos físicos e psíquicos), tendo a APAV registado um total de 613 crimes desta natureza em 2017.

Crimes de ofensas à integridade física (38), ameaça/coacção (34), difamação/injúrias (17), stalking (14) e violação de domicílio ou perturbação da vida privada (10) foram outros dos crimes também registados pelo GAV de Ponta Delgada ao longo do ano passado. Destaque-se também os 9 crimes de natureza sexual que chegaram à APAV, nomeadamente três casos de violação, dois casos de abuso sexual de crianças, dois de coacção sexual, um de importunação sexual e um outro caso cuja natureza não é especificada no documento.

O número de vítimas apoiadas em Ponta Delgada representa quase metade do total (49,50% - 199 vítimas), seguindo-se o concelho da Lagoa (11,44% - 46 vítimas) e da Ribeira Grande (9,95% - 40 vítimas).

De acordo com a associação, a maioria das vítimas continua a ser do sexo feminino, casada e com filhos.

“Dos/as 439 utentes, 402 foram vítimas de crime, e de entre estas cerca de 84% eram do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (27,6%). As vítimas casadas (39,3%) foram os principais alvos dos/as autores de crime, pertencendo em cerca de 45% a famílias nucleares com filhos”, refere o relatório.

Quanto aos níveis de escolaridade das vítimas, a APAV indica que no maior número de casos de violência



referenciados as vítimas têm habilitações ao nível do ensino superior (5,7%) ou do ensino básico do 1.º ciclo (5%). Os dados relativos ao ano passado apontam ainda que, “no que diz respeito ao principal meio de vida da vítima, cerca de 32% encontravam-se a trabalhar. No entanto um número ainda significativo encontrava-se a cargo da família (14,2%)”.

A APAV aponta ainda que, nos Açores, o contexto das relações de intimidade “continua a sobressair” no que diz respeito à relação da vítima com o autor do crime. “As relações de cônjuge, companheiro/a, ex-cônjuge, excompanheiro/a, ex-namorado/a e namorado/a no seu conjunto totalizam 54,9% das relações existentes entre vítima e autor/a do crime”.

Apesar desse cenário, o GAV de Ponta Delgada indica que uma das relações que mais sobressaiu em 2017, nos Açores, foi a relação em que a vítima é filho/filha (11,2%).

Segundo aponta o mesmo relatório, cerca de 78% dos 417 autores de crime, registados pelo gabinete de apoio à ví-

tima de Ponta Delgada no ano passado, eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos (12,5%).

“Tal como no caso das vítimas, também o/a autor/a do crime se encontrava maioritariamente no estado civil de casado/a (41,5%), seguindo-se os/as solteiros/as (11%). Em cerca de 28% das situações, estes/as encontravam-se empregados/as”, lê-se no documento.

O tipo de vitimação continuada (66%), com uma duração entre 2 e 6 anos (14,4%) foi o que prevaleceu no ano de 2017 no gabinete de apoio à vítima de Ponta Delgada.

A APAV aponta ainda que, nos Açores, são as próprias vítimas que, na maioria dos casos (60,5%), contactam a associação, seguindo-se o contacto efectuado pelos familiares (18,5%). Os meios de contacto mais comuns são a via presencial (43,5%) e sobretudo a via telefónica (45,8%). Nos últimos anos a utilização das novas tecnologias tem vindo a aumentar, como é o caso dos contactos efectuados via email (6,7%).

No que diz respeito à forma como

os utentes chegam ao gabinete, os encaminhamentos obtidos através da PSP (52,2%) e de amigos (13,1%) foram os “mais significativos”, salienta o relatório.

Do total de processos assinalados pelo Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, em 92% das situações sinalizadas verificava-se a existência de crime.

De acordo com o relatório, em mais de 58% das situações, o local do crime mais referenciado em 2017 foi a residência comum da vítima e do autor, seguindo-se a residência da vítima. Das situações que chegaram ao gabinete de apoio à vítima de Ponta Delgada em 2017, 58% foram alvo de queixa numa entidade policial.

Dos diversos tipos de apoio prestados pelo gabinete de apoio à vítima de Ponta Delgada, o apoio jurídico foi o mais assinalado com mais de 61% dos registos.

“A conexão entre a APAV e outras entidades, é o espelho do trabalho de cooperação e multidisciplinaridade existente no trabalho diário da Associação. No Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada, a Segurança Social (26,8%) e a PSP (17,9%) foram as entidades que mais cooperaram com a APAV”, refere ainda o relatório.

Aumento de 19% no número de crimes a nível nacional

A nível nacional, a APAV registou no ano passado um aumento de 19% no número de atendimentos, identificou 16 mil crimes de violência doméstica e mais de nove mil vítimas. Os números demonstram que há cada vez mais pessoas a pedir ajuda.

De acordo com o documento, a APAV identificou no ano passado 9.176 vítimas, das quais 3.918 queixavam-se de violência doméstica. “Estimamos que sejam entre 20 mil e 25 mil as vítimas directas e indirectas”, refere o presidente da associação, João Lázaro.

Das mais de nove mil vítimas identificadas, 82,5% são mulheres, com uma média de 42 anos. Por dia, 14 mulheres são vítimas de crimes, aponta o documento.



28-03-2018

Meio: Imprensa

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 11

Cores: Cor

Área: 4,74 x 6,14 cm²

Corte: 1 de 1



APAV atendeu 40 mil vítimas em 2017

PORTUGAL A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima atendeu mais de 40 mil vítimas de violência em 2017. Entre essas, mais de nove mil pediram apoio à associação, que revelou num relatório que os crimes de violência doméstica representam 75,7% do total dos crimes registados. Entre os crimes mais cometidos conta-se também o abuso sexual de crianças.

**Ano de 2017**

APAV recebeu 16.033 denúncias de violência doméstica

A violência doméstica é a principal causa de queixas e pedidos de ajuda à Associação de Apoio à Vítima (APAV). Em 2017, os técnicos da APAV fizeram 40.928 atendimentos, 16.033 diziam respeito a casos de violência doméstica, segundo dados do Relatório Anual de 2017 divulgado ontem pela associação.

RELATÓRIO DE 2017

**Violência doméstica lidera**

Mais de 25 queixas por dia na APAV

■ A violência doméstica continua a ser a principal causa de queixas. Durante o ano passado, mais de 16 mil pessoas pediram ajuda à Associação de Apoio à Vítima (APAV) por esse crime, segundo o relatório anual divulgado ontem pela associação. A esmagadora maioria das vítimas continua a ser do sexo feminino (82,5%), entre os 25 e os 54 anos (38,9%).

Os dados indicam também que 285 homens, com cerca de 50 anos, sofreram às mãos das companheiras. No ano passado, a APAV atendeu mais de 40 mil pessoas, um aumento de 19% entre 2015 e 2017, o que significa que mais de 25 pessoas pedem ajuda por dia. A associação recebeu 175 denúncias de crimes sexuais sobre crianças. ● T.S./H.M.



APAV identificou 65 vítimas no distrito

EM 2017 A Associação de Apoio à Vítima (APAV) identificou, no ano passado, 65 vítimas no distrito de Viseu.

De acordo com dados divulgados ontem pela organização, foram registados, em todo o país, um total de 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9.176 víti-

mas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

No que diz respeito ao distrito, Viseu foi o concelho onde foram identificadas mais vítimas (16), seguido por Tarouca (9), Tabuaço (7) e Lamego, Mortágua, Nelas e Resende (todos com 4).

A APAV salienta que os crimes contra as pessoas apre-

sentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total de crimes registados, destacando-se os crimes de violência doméstica (75,7%).

Por tipo de crime, destacam-se os de violência sexual, nomeadamente o abuso sexual de crianças (175 crimes), o 'stalking'/perseguição (422) e o cibercrime (25).

Segundo a APAV, a maioria das vítimas eram do sexo feminino (82,5%) e tinham idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (38,9%).

Quanto ao estado civil, as vítimas eram sobretudo casadas (28,2%), solteiras (23,1%) enquanto 33,4% pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos. ◀



DISCURSO DIRETO

João Lázaro, pres. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, sobre o relatório de 2017

“METADE DAS VÍTIMAS NÃO DENUNCIA AGRESSÕES”

CM: Que avaliação faz sobre as 16 mil denúncias de violência doméstica que a APAV recebeu?

João Lázaro – É um número que continua a aumentar por ser um problema da sociedade portuguesa. As vítimas, homens e mulheres, tentam denunciar os abusos a que são sujeitos, mas a intolerância social impede mais denúncias.

– **Como se explica esse fenómeno?**

– À falta de consciencialização e reconhecimento do papel da vítima. A sociedade não sabe o que é ser vítima de violência doméstica.

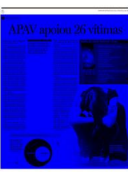


– 285 homens denunciaram estes abusos. A maioria ainda se remete ao silêncio porquê?

– Por causa das ideias da masculinidade. O homem é visto como o ser mais forte. É necessário ultrapassar os obstáculos, a vergonha e o estigma, que a própria sociedade impõe, para que o número de denúncias aumentem.

– **Temos de nos preocupar com os números que não aparecem no relatório?**

– Claramente que sim. Mais de metade das vítimas de violência doméstica não denuncia as agressões (**mais info. na página 15**). ● T.S./H.M.



ID: 74293125

30-03-2018

● VIOLÊNCIA

APAV apoiou 26 vítimas

FRANCISCO JOSÉ CARDOSO
fcardoso@dnoticias.pt

O número de vítimas na Madeira que, em 2017, tiveram o suporte da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, diminuiu para perto de metade dos contabilizados no ano anterior. Segundo os dados publicados esta semana, foram contabilizadas 26 vítimas, menos 22 do que as registadas em 2016 (48).

Ainda que estes números revelem muito pouco sobre uma realidade por demais evidente e debatida, a violência doméstica (representam 75% ou três em cada quatro casos apoiados) é hoje um crime público com uma média de mais de um milhar de ocorrências registadas pelas forças de segurança na Madeira (1.049 em 2015, 1034 em 2016 e em 2017 os dados ainda não foram divulgados publicamente). Ou seja, caso os números de anos anteriores se mantivessem, a percentagem de vítimas apoiadas em 2017 não representaria mais do que 2,6% das ocorrências na Região.

Ora, um facto é que no ano passado, das vítimas apoiadas pela APAV, 19 eram do Funchal, 6 de Santa Cruz e uma de Câmara de Lobos, não contando das estatísticas da associação os dados dos outros oito municípios madeirenses.

Registo ainda para as 549 vítimas de abuso sexual apoiadas, sendo que destas 446 são crianças e jovens. Na Madeira, apenas foram apoiadas duas vítimas de violência doméstica através da Rede CARE (um dos projectos específicos desenvolvidos pela associação).

Também é possível perceber que estas 26 vítimas apoiadas representam apenas 0,29% do total, no contexto nacional de pessoas que receberam ajuda da APAV.

EM 2017 CONTAM-SE SÓ TRÊS CONCELHOS NA REGIÃO. HÁ UM ANO A REALIDADE ERA BEM PIOR, 48

Um valor que é o mais baixo dos últimos anos (desde 2011), embora apenas em termos do peso no total nacional.

Em 2016, a APAV apoiara 48 vítimas de violência na Madeira, de um total de 9.347 pessoas em Portugal, o que representa 0,5% dos casos. Em 2015 tinham sido apoiadas 33 vítimas (0,3% de 9.612 apoios). Em 2014 eram 23 (0,3% de 8.889). Em 2013 ascendiam a 38 (0,4% de 8.733). Em 2012 não foram reportados apenas 7 casos de vítimas de crime dos 7.249 apoiados. E, ainda, 35 em 2011 (0,4% de 8.693) e 28 em 2010 (0,4% em 6.932).

Grosso modo, significa que, em média, a APAV apoiou quase 30 vítimas de violência na Madeira nos últimos oito anos, de um total de 238 processos.

Refira-se ainda que a associação “registou um total de 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formar de violência. Da comparação com anos anteriores, foi possível identificar um aumento do número total de atendimentos na ordem dos 19% entre 2015 e 2017. De acordo com os dados apurados, e no que diz respeito aos crimes e outras formas de violência, os crimes contra as pessoas apresentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total de crimes registados, com grande destaque para os crimes de violência doméstica (75,7%). Nas restantes dimensões criminais, os destaques vão para os crimes patrimoniais - o crime de dano com 212 registos (1%) - e para as outras formas de violência - bullying com 113 casos (0,5%)”.

PERFIL DE QUEM PROCURA AJUDA



PERFIL GERAL DA VÍTIMA

- Sexo feminino (82,5%)
- Idade média (42 anos)
- Casado/a (28,2%)
- Solteiro/a (23,1%)
- Família nuclear com filhos/as (33,4%)
- Ensino superior (8,4%)
- Secundário (5,1%)
- 3.º Ciclo (4,6%)
- Empregado/a (31,4%)
- Desempregado/a (15,8%)

RELAÇÃO COM AUTOR/A CRIME

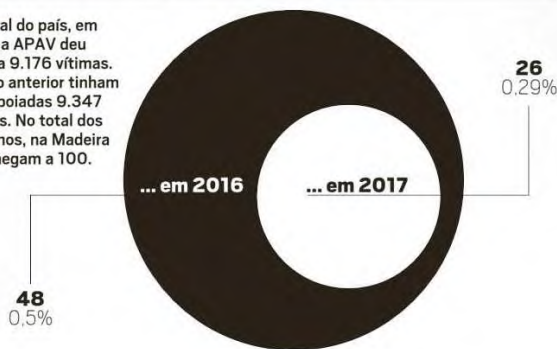
- Cônjuge (25,2%)
- Companheiro/a (13,3%)
- Ex-companheiro/a (9,4%)
- Pai/mãe (8,3%)
- Filho/a (7,6%)



A ajuda às pessoas vítimas de violência acontece, sobretudo, quando a pessoa pede ajuda. FOTOS SHUTTERSTOCK

VÍTIMAS APOIADAS NA REGIÃO 2016/2017

No total do país, em 2017, a APAV deu apoio a 9.176 vítimas. No ano anterior tinham sido apoiadas 9.347 vítimas. No total dos dois anos, na Madeira não chegam a 100.



Dia Europeu das Vítimas de Terrorismo: em Portugal há um rede de apoio a vítimas e seus familiares

Sónia Bexiga / 11 Mar 2018

O ano passado ficou ainda marcado pelo início do planeamento da APAV para dar resposta à possibilidade de ocorrência de um atentado terrorista em Portugal.



ncu i eRS/730120-beirso/panee-h

Relembrando os atentados na estação de comboios de Atocha, em Madrid, em 2004, foi designado o dia 11 de março como o Dia Europeu das Vítimas de Terrorismo. Este atentado atingiu centenas de pessoas de várias nacionalidades.

Em Portugal, a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, desde 2016, que tem vindo a apoiar vítimas, familiares e amigos de vítimas de atentados terroristas ocorridos no estrangeiro através da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio (RAFAVH).

Este rede acompanha e apoia não só as vítimas diretas, no caso de homicídio na forma tentada, mas também os familiares e amigos que se sintam afetados pela prática dos crimes e que careçam de apoio especializado que a APAV pode proporcionar. Em 2017, a associação reforçou a presença enquanto organização que apoia vítimas de terrorismo, em território nacional e no estrangeiro, através de iniciativas como o seminário-debate sobre vítimas de terrorismo ou a presença em Dublin, na conferência da organização “Victim Support Europe”, onde foi apresentado o trabalho feito pela APAV nesta matéria, junto de vários especialistas internacionais.

A APAV também continua a participar nos trabalhos da “Radicalization Awareness Network” (RAN) onde tem sido discutido aspetos das narrativas e contra-narrativas que baseiam os discursos de ódio e extremistas e no grupo internacional de peritos em apoio a vítimas de terrorismo “IFDIS – Meeting the needs of terrorism victims, de iniciativa do Victim Support Europe”.

O ano passado ficou ainda marcado pelo início do planeamento da APAV para dar resposta à possibilidade de ocorrência de um atentado terrorista em Portugal. Este plano está a ser organizado em concordância com as instituições que tem responsabilidade de acompanhar, prever e responder a um evento terrorista. Este plano estará pronto e operacional durante o primeiro trimestre de 2018.

Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio acompanhou 76 pessoas

No ano passado foram relatados nos *media* 29 homicídios tentados e 26 consumados, segundo Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal.

JOANA GORJÃO HENRIQUES - 2 de Março de 2018, 20:51

2 PARTILHAS



Em 2017, a [Associação Portuguesa de Apoio à Vítima \(APAV\)](#) apoiou 51 familiares e amigos de vítimas de homicídio consumado ou tentado e 25 vítimas directas de homicídio tentado, num total de 76 pessoas.

Segundo um relatório publicado nesta sexta-feira, a ajuda da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio (RAFAVH) desta organização concretizou-se em 563 atendimentos especializados.



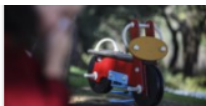
Crimes: vítimas vulneráveis vão ter direito a compensação

A rede existe há cinco anos e foi criada porque a APAV entende que o apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio "é fundamental", até porque estas pessoas são descritas por alguns como "vítimas ocultas", já que sofrem os efeitos dos crimes praticados contra alguém próximo.

A RAFAVH acompanha e apoia vítimas e familiares e amigos de vítimas. No que diz respeito ao crime de homicídio tentado, 79% das pessoas que recorrem a esta rede foram de facto as vítimas. Já em relação ao homicídio consumado, a maior parte dos que foram atendidos pela RAFAVH em 2017 foram filhos das vítimas (36,3%) ou pai/mãe (29,5%). Só 11% eram irmãs ou irmãos.

O móbil do crime dos agressores é variável: 32% das pessoas apoiadas indicaram violência doméstica e 10% crime patrimonial.

Nota-se ainda que há mais mulheres do que homens a recorrer a esta rede: os dados indicam que só 34,4% dos utentes apoiados por causa de homicídio tentado foram homens, percentagem quase igual (36,4%) no caso do homicídio consumado, quando as mulheres foram 65,6% *versus* 61,4%.



APAV apolou quase 450 crianças e jovens vítimas de violência sexual em dois anos

Portugueses mortos no estrangeiro

O relatório contém dados do Observatório de Imprensa de Crimes de Homicídio em Portugal e de Portugueses no Estrangeiro, criado no início de 2014 para ajudar a compreender o fenómeno em Portugal ou que tenha envolvido portugueses fora do território nacional. A pesquisa é feita nos *media*.



O melhor do Público no email

Subscreva gratuitamente as newsletters e receba o melhor da actualidade e os trabalhos mais profundos do Público.

Subscrever

No ano passado, relataram-se na comunicação social 29 homicídios tentados e 26 consumados, menos do que em 2013 (44 e 36 respectivamente). Ainda de acordo com estes dados, cerca de um em cada cinco homicídios registados dizem respeito a uma situação de morte de uma mulher em contexto de relacionamento íntimo.

LER MAIS

- Portugueses sentem-se mais seguros, diz barómetro da APAV

A esmagadora maioria dos autores dos crimes são do sexo masculino: 93,3% no homicídio tentado e 77,8% no consumado. No topo do tipo de relação do agressor com a vítima (no caso de homicídio tentado) ficou a ex-companheira (20%), seguida de nenhuma relação (17%).

Já no homicídio consumado os resultados são dispersos e apontam para uma prevalência de "nenhuma relação" ou "não foi possível apurar" qual era ela.

O observatório compilou ainda dados de portugueses mortos no estrangeiro que foram notícia nos *media*, totalizando quase 40: dez foram na Venezuela, três em Espanha, dois em França e dois na Suíça, três na África do Sul ou dois em Moçambique.

APAV registou mais de 16 mil crimes de violência doméstica em Portugal em 2017

Mariana Bandeira | 27 Mar 2018

O relatório estatístico anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, referente a 2017, mostra que houve 40.928 atendimentos, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência, como 113 casos de bullying e 25 de cibercrime.



O relatório estatístico anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, referente a 2017, mostra que houve 40.928 atendimentos, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência, como 113 casos de bullying e 25 de cibercrime.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 16.741 crimes de violência doméstica em Portugal só no ano passado, corresponde a 75,7% das ocorrências assinaladas. O relatório estatístico anual da organização referente a 2017, divulgado esta terça-feira, mostra que houve 40.928 atendimentos na APAV, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

Entre 2015 e 2017, o número de atendimentos teve um aumento de 19,2%. Segundo a APAV, 20% das pessoas que procuraram apoio junto dos profissionais da organização advieram de recomendações por parte dos órgãos de polícia criminal (PSP, GNR, PJ – 19,8%), seguindo-se de amigos (14,8%) e de publicidade (13,7%).

Entre os casos registados em 2017 estão ainda 113 de *bullying* e 25 de cibercrime. Na categoria de crimes contra as pessoas, no segmento de vida ou integridade física sobressai a violência doméstica, no da liberdade pessoal destaca-se a ameaça/coação (778 casos registados, o equivalente a 3,7% do total), nos sexuais ressalta o abuso sexual de crianças (175 casos registados, o equivalente a 0,8% do total) e nos de honra foi a difamação/injúrias que assinalou mais vítimas (334 casos registados, o equivalente a 1,6% do total).

Quanto aos crimes contra o Estado, o abuso de poder/autoridade somou o maior número de ocorrências (seis – 0,03%). Já nos crimes contra a vida em sociedade, foi a violação da obrigação de alimentos que se destacou: 44 casos registados (0,2%). No que diz respeito aos crimes contra o património, a maior parte deveu-se ao dano (212 – 1%), sendo que a ofensa à integridade física registou 12 casos (0,1%) e destacou-se no parâmetro de crimes rodoviário.

Perfil geral da vítima consoante os atendimentos na APAV (9.176)

- Sexo feminino (82,5%)
- Idade média (42 anos)
- Casado/a (28,2%) | Solteiro/a (23,1%)
- Família nuclear com filhos/as (33,4%)
- Ensino superior (8,4%) | secundário (5,1%) | 3.º ciclo (4,6%)
- Empregado/a (31,4%) | Desempregado/a (15,8%)
- Relação autor/a crime: Cónjuge (25,2%) | Companheiro/a (13,3%)
- Ex-companheiro/a (9,4%) | Pai/mãe (8,3%) | Filho/a (7,6%)

APAV recebe 16.033 denúncias de violência doméstica em 2017

27 mar 2018 11:46

MadreMedia / Lusa

Atualidade

violência doméstica - APAV

0 comentários



Atualidade - 2 abr 2018 10:12
Gabinete de Apoio à Vítima da PSP do Porto atendeu 6.577 pessoas em cinco anos



Atualidade - 31 mar 2018 09:25

A violência doméstica é a principal causa de queixas e pedidos de ajuda à Associação de Apoio à Vítima (APAV), que no ano passado recebeu mais de 16 mil contactos relacionados com este crime.



PUB

IMF Business School

O FUTURO COMEÇA AGORA

Mestrado em Gestão e Negócios

PEDIR INFORMAÇÃO

Em 2017, os técnicos da APAV fizeram 40.928 atendimentos, sendo que 16.033 diziam respeito a casos de violência doméstica, segundo dados do Relatório Anual de 2017 hoje divulgado pela associação.

Assim, os casos de violência doméstica continuam a ser a principal razão pela qual as pessoas contactam a APAV, representando três em cada quatro atendimentos (75,7%).

Tendo em conta todos os crimes, a APAV identificou 9.176 vítimas, sendo que 3.948 diziam respeito a violência doméstica.

As mulheres continuam a ser maioria das vítimas (3.558) dos crimes que envolvem relacionamentos de cariz amoroso, mas também houve 285 homens que sofreram nas mãos das companheiras.

Os serviços da APAV receberam ainda 75 queixas de casos de violência doméstica de pessoas que tinham um relacionamento com alguém do mesmo sexo, não havendo grande diferença entre casais de homens (37) ou de mulheres (38).

Os dados hoje revelados revelam um padrão que já é conhecido: as mulheres na casa dos 43 anos são as principais vítimas e, regra geral, sofrem agressões por parte dos maridos ou companheiros.

Também existe um grupo de mulheres que se conseguiu separar, mas continua a sofrer agressões do ex-companheiro (16,5%).

É dentro de casa que acontece a maioria dos crimes: cerca de metade dos casos (52,4%) ocorre na residência comum do casal e em 14,9% dos casos a vítima e agressor não vivem juntos e o crime acontece em casa da vítima.

A maioria dos casos que chegam ao conhecimento da APAV não diz respeito a uma primeira situação de agressão, mas sim a um processo continuado. Muitas vezes, são vítimas há pelo menos dois anos, havendo muitos casos em que os crimes acontecem entre há dois e sete anos.

Tendo em conta todos os crimes, em 2017 foram registados um total de 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio, tendo sido identificadas 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

A APAV registou um total de 9.481 autores de crime, sendo que mais de 80% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (23,3%).

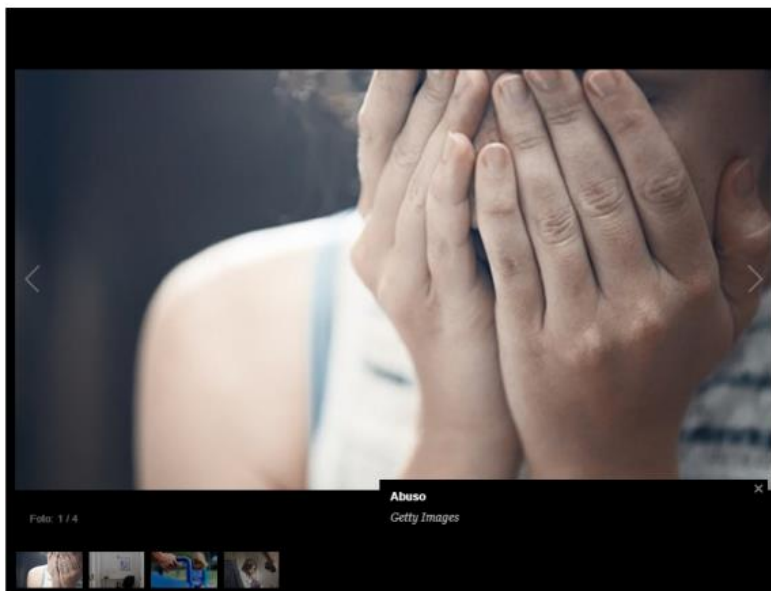
Segundo os dados recolhidos, cerca de 30% eram casados e possuíam uma ocupação profissional (32,1%), sendo que o tipo de vitimação continuada foi o mais registado em 2017, representando 75% dos casos.



APAV recebeu 175 denúncias de crimes sexuais sobre crianças

Organização recebeu um total de meio milhão de queixas durante o ano passado.

Por Lima | 27.03.18



A Associação de Apoio à Vítima (APAV) recebeu no ano passado mais de meio milhão de denúncias de crimes sexuais, entre as quais 175 relativas a crianças abusadas sexual e outras 159 relacionadas com violações.

Os números constam do Relatório Anual 2017 da APAV, divulgado esta terça-feira pela associação que, no ano passado, recebeu 621 denúncias e pedidos de ajuda relacionados com crimes sexuais, tendo sido posteriormente identificadas 488 vítimas.

As mulheres continuam a ser as principais vítimas deste tipo de crime (85,3%), sendo que mais de metade dos casos registados envolviam crianças ou jovens (54,9%), razão pela qual o abuso sexual de crianças foi a situação que motivou mais pedidos de apoio e denúncia junto da APAV (175), seguindo-se os crimes de violação de crianças e adultos.

A APAV recebeu ainda 81 denúncias relacionadas com importunação sexual, ou seja, casos em que as vítimas foram incomodadas por pessoas que praticaram à sua frente atos de caráter exibicionista, formulando propostas de teor sexual ou constrangendo-a a contacto de natureza sexual.

A coação sexual motivou 40 contactos telefónicos ou presenciais, seguindo-se o assédio sexual (30) e atos sexuais com adolescentes (15).

Também chegou ao conhecimento da APAV casos em que tentaram aliciar menores para atos sexuais assim como crimes de pornografia infantil.

RELACIONADAS



FOTOGALERIA

APAV apoiou quase 450 crianças e jovens em dois anos



FOTOGALERIA

APAV lança campanha sobre violência no namoro



FOTOGALERIA

APAV apoiou 30 mil vítimas de violência doméstica em quatro anos

Estes dois crimes motivaram, cada um deles, 15 denúncias, segundo o relatório a que a Lusa teve acesso.

A APAV recebeu ainda 12 contactos relativos a abuso sexual de menores dependentes.

O relatório da APAV dá ainda conta de situações lenocínio (7), de abuso sexual de pessoas incapazes de resistência (5), recurso à prostituição de menores (3), assim como outras 66 denúncias de outros crimes sexuais que não estão tipificados no relatório.

Mais de metade das vítimas são estudantes (56,4%) e a idade média

das 488 vítimas dos diferentes crimes sexuais ronda os 32 anos, sendo que três em cada quatro são solteiras (73%).

Além dos crimes sexuais, a APAV registou muitos outros crimes, tendo identificado, no total, 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

A maioria das vítimas é mulher (80%) e são os crimes cometidos contra pessoas entre os 35 e os 54 anos que apresentam mais registos na APAV.

No entanto, os dados revelam também os perigos em que vivem muitas crianças: No ano passado, registaram-se 1.143 casos que envolveram crimes com menores de 18 anos.

A APAV recebeu queixas relativas a 55 casos que envolviam bebés e crianças até aos três anos, outras 69 vítimas tinham entre os quatro e os cinco anos e 225 tinham entre os seis e os dez anos.

À APAV chegaram histórias de outras 461 vítimas de jovens entre os 11 e os 17 anos.

Associação de Apoio à Vítima contabilizou mais de nove mil vítimas em 2017

RTP

27 Mar. 2018, 09:59 / atualizado em 27 Mar. 2018, 14:19 | País



A Associação de Apoio à Vítima (APAV) atendeu no ano passado 40.928 pessoas, um aumento de 19% entre 2015 e 2017, tendo identificado 9.176 vítimas, segundo dados hoje divulgados pela organização.

Segundo dados do [Relatório Anual da APAV](#), em 2017 foram registados um total de 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

A APAV salienta que os crimes contra as pessoas apresentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total de crimes registados, destacando-se os crimes de violência doméstica (75,7%).

O número de atendimentos subiu em 2017 quase 20%. João Lázaro, presidente da APAV, refere à Antena 1 que esse aumento se deve à complexidade e acompanhamento mais demorado de casos de violência doméstica. O responsável da associação refere que o perfil das vítimas mostra que a violência e a criminalidade atravessam de forma transversal a sociedade portuguesa.



Por tipo de crime, destacam-se os de violência sexual, nomeadamente o abuso sexual de crianças (175 crimes), o 'stalking'/perseguição (422) e o cibercrime (25).

"Nas restantes dimensões criminais, os destaques vão para os crimes patrimoniais - o crime de dano com 212 registos (1%) -- e para as outras formas de violência -- 'bullying' com 113 casos (0,5%)", é indicado no relatório.

Maioria das vítimas são mulheres

Segundo a APAV, a maioria das vítimas eram do sexo feminino (82,5%) e tinham idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (38,9%).

Quanto ao estado civil, as vítimas eram sobretudo casadas (28,2%), solteiras (23,1%) enquanto 33,4% pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos/as.

Em termos académicos e profissionais, o ensino superior apresentou-se como o grau de ensino mais referenciado (8,4%) e mais de 30% das vítimas encontravam-se profissionalmente ativas.

"Da análise efetuada aos dados da APAV é possível confirmar a existência de um número superior de autores de crime, face ao número de vítimas", é referido.

Assim, no ano passado, a APAV registou um total de 9.481 autores/as de crime, sendo que destes/as, mais de 80% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (23,3%).

Segundo os dados recolhidos, cerca de 30% eram casados e possuíam uma ocupação profissional (32,1%), sendo que o tipo de vitimação continuada foi o mais registado em 2017, representando 75% dos casos.

No que diz respeito ao local do crime, a residência comum foi a mais referenciada, seguida da residência da vítima e o lugar/via pública.

Os dados indicam também que em cerca de 46% das situações foi formalizada queixa /denúncia junto das entidades policiais.

Idosos. Três queixas por dia

Os dados da APAV apontam para diferentes tipos vítimas: 944 pessoas idosas, com mais de 65 anos (em média três por dia e 18 por semana), 810 crianças e jovens (duas por dia e 16 por semana), 5.036 mulheres adultas (14 por dia e 97 por semana) e 775 homens adultos (duas por dia e 15 por semana).

Os dados estatísticos dizem respeito aos processos de apoio desenvolvidos presencialmente, por telefone e 'online', no ano transato, pelos serviços de proximidade da APAV.

Marcas solidárias: 2easy junta-se à APAV e cria inovador projecto para apoiar vítimas de crime

Tweet

G+

Guardar

Like 9



A rede imobiliária 2easy e a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima assinaram um protocolo que visa apoiar vítimas de crime, através da venda de imóveis e assessoria financeira especializada por um valor simbólico de mediação de 1€.

A intenção surge em torno da ISI – Iniciativa Social Imobiliária by 2easy, um projecto de responsabilidade social único no sector imobiliário em Portugal.

O protocolo prevê que a APAV identifique e reencaminhe para a 2easy Portugal as vítimas de crime que possam ser apoiadas pelo projecto, *“que sejam proprietários em situações extremas, com imóveis desvalorizados ou com uma dívida insustentável em termos do mercado imobiliário actual”*. Os beneficiários poderão ainda contar com assessoria financeira especializada.

Este apoio será dado, por loja, a um indivíduo/família de cada vez. Logo, quando termina um processo, novo beneficiário será seleccionado. Por ano, a 2easy prevê apoiar cerca de 20 a 30 casos através da Iniciativa Social Imobiliária.

O protocolo foi assinado por João Lázaro, presidente da direcção da APAV, e Carlos Camacho, diretor-geral da 2easy Portugal, e é válido por um período de 12 meses.

São válidas para o protocolo todas as regiões onde a 2easy está implementada: Algueirão, Amadora, Beja, Carnaxide, Cascais, Évora, Grândola, Lisboa, Mafra, Massamá, Mem-Martins, Montijo, Odemira, Parede, Setúbal, Sines, Torres Vedras e Vila Nova de Santo André.

*Freamunde***Contra violência doméstica**

Realiza-se amanhã, dia 23 de março, a partir das 21 horas, na Casa da Cultura desta cidade, uma sessão sobre “A intervenção da APAV com vítimas de violência doméstica”.

Motards contra a violência doméstica. "Não diminui a masculinidade de ninguém"

Catarina Marques Rodrigues - RTP
28 Mar, 2018, 20:00 / atualizado em 28 Mar, 2018, 20:06 | País



Mais de 100 motards vão fazer um passeio com o mote: "Violência Doméstica - Eu digo não". As receitas cabem à APAV. O ex-embaixador dos Estados Unidos Robert Sherman e Kim Sawyer farão o passeio.

"Feios, porcos e maus". Esta é uma expressão associada aos motards, símbolos de "masculinidade" e "dureza". A constatação é de Marco Oliveira, fundador da Harley Riders de Setúbal. Este grupo de dez amigos motards é um dos promotores do passeio de moto "Bikers Against Domestic Violence", que vai acontecer a 7 de abril, com partida de Setúbal e até Campo Maior. As receitas revertem na totalidade a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A ideia partiu de Kim Sawyer, fundadora da Connect to Success e ex-embaixatriz dos EUA. Quer "desconstruir" estereótipos e mostrar que a violência doméstica é também uma causa de homens. "Queremos mudar mentalidades. Os agressores expressam muitas vezes a ideia de: 'Se não controlares a tua mulher, não és um verdadeiro homem'. Defendem-na perante amigos e colegas. Os motards, em particular, são vistos como 'homens duros e agressivos'. Este passeio é uma oportunidade de mostrar que ser contra a violência doméstica, e mostrá-lo, não diminui a masculinidade de ninguém", explica a empreendedora.

Todos os participantes têm direito a um casaco que terá gravada nas costas a frase: "Violência Doméstica - Eu digo não". Estão já 150 pessoas inscritas (mulheres incluídas) e todos vão vestir, literalmente, a mensagem. A ideia é criar impacto visual e, no fundo, sensibilizar quem vir o grupo de motards a passar.



Os participantes partem de Setúbal às 10h, param em Évora para uma pausa a meio da manhã e almoçam depois em Campo Maior, na Quinta Adegas Mayor. No final, às 16h, será leiloado um capacete customizado pela DKA Motorcycles, oferecido por Harley Riders Setúbal.

Este passeio junta duas paixões do casal Robert Sherman e Kim Sawyer. As motos e os direitos das mulheres. Quando viviam em Portugal, fizeram várias viagens de Harley pelo país, do Alentejo a Sesimbra, [contou](#) à RTP Kim Sawyer. "Uma maneira maravilhosa de conhecer o país", sublinhou. De recordar que o embaixador Sherman ganhou mais notoriedade em Portugal depois de fazer vídeos de apoio à seleção portuguesa, durante o Euro2016. Foi depois [condecorado](#) por Marcelo Rebelo de Sousa.

Já a igualdade de género e os direitos das mulheres são uma causa de vida para Kim Sawyer. A empresária fundou em Portugal o [Connect to Success](#), um projeto que ajuda mulheres a fortalecer os seus negócios. Inclui um programa de *corporate mentoring*, em que vários profissionais de uma empresa são os mentores de uma mulher no seu negócio, e um programa de consultoria. O Connect to Success está instalado em Portugal continental e nos Açores e continuou a funcionar, mesmo depois de o casal ter regressado aos Estados Unidos, em janeiro de 2017.

Nuno Catarino, representante da APAV, congratula-se com a iniciativa, visto que o valor das inscrições reverte para a associação. E para onde irá esse dinheiro? "Para as nossas atividades. A APAV é mais conhecida pelo apoio nos casos de violência doméstica, mas apoiamos todas as vítimas de crime. Temos 18 gabinetes de apoio à vítima em todo o país, que suportam 26 concelhos. Temos uma rede de casas-abrigo, apoio a mulheres migrantes, vítimas de violência sexual, etc". Em suma: locais para aplicar o dinheiro não faltam. O presidente da APAV, João Lázaro, também fará o passeio.

Para Kim Sawyer, esta é uma iniciativa para relembrar um ponto poucas vezes referido: "A participação dos homens é fundamental. A violência doméstica não vai acabar se os homens não estiverem também empenhados nisso. Não é um assunto de 'mulheres'. É um assunto de todos", remata. Ela e o marido estarão em Portugal e seguirão, rumo ao Alentejo, numa Harley.

Tem um motociclo e quer ajudar a APAV? Então esta notícia é para si

No próximo dia 7 de abril, um grupo motards vão partir de Setúbal no âmbito de uma iniciativa solidária.



#Biker



1915 | 26/03/18 POR FILIPA MATIAS FERREIRA

PAV SOLIDARIEDADE

Partilhar G+ Twitter Facebook

No próximo dia 7 de abril, mais de uma centena de motards vão partir de Setúbal rumo a uma 'viagem simbólica' a Campo Maior. Esta iniciativa, refere o comunicado enviado às redações, pretende alertar para a violência doméstica e está a ser dinamizada pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), em conjunto com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A iniciativa - 'Bikers Against Domestic Violence' - tem um cariz solidário e contará com a participação do ex-embaixador norte-americano em Portugal, Robert Sherman, e da ex-embaixatriz e diretora executiva do Connect to Success, Kim Sawyer.

De salientar ainda que o montante arrecadado com as inscrições irá reverter "na íntegra para a APAV". Por isso, se tem um motociclo acima de 125cc de cilindrada pode participar e, deste modo, contribuir para apoiar as vítimas.

"A maioria dos condutores no evento serão homens, o que deixa claro que a violência doméstica não é apenas uma questão feminina. A sua participação é essencial, uma vez que a violência doméstica nunca terminará sem que os homens estejam igualmente empenhados em extinguí-la. Adicionalmente, o aspeto visual dos motociclistas a usar um casaco com um logótipo anti-violência doméstica, além do ruído que todas as motas farão, enviará uma mensagem muito forte e poderosa de que a violência doméstica não é aceitável", sublinha Kim Sawyer, no comunicado.

"Iniciativas como a 'Bikers Against Domestic Violence' são muito importantes para a APAV pois espelham na totalidade aquela que é sua missão e a sua visão: apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, bem como trabalhar para que em Portugal o estatuto da vítima de crime seja plenamente reconhecido, valorizado e efetivo", considerou ainda João Lázaro, presidente da APAV.

Motards atravessam o Alentejo contra a Violência Doméstica



Mais de uma centena de motards vão partir, no próximo dia 7 de Abril, numa viagem simbólica de Setúbal a Campo Maior, e que pretende alertar para a violência doméstica, numa iniciativa organizada pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) em conjunto com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

EDITOR

Bikers Against Domestic Violence é uma iniciativa de carácter solidário que também irá contar com a participação do ex-embaixador norte-americano em Portugal, Robert Sherman e da ex-embaixatriz e Directora Executiva do Connect to Success Kim Sawyer, para além de muitas outras personalidades como Quimbé e Joaquim Horta, que se quiseram associar a esta causa. O valor das inscrições neste passeio reverte na íntegra para a APAV, podendo participar todos os motociclos acima de 125cc de cilindrada.

“A maioria dos condutores no evento serão homens, o que deixa claro que a violência doméstica não é apenas uma questão feminina. A sua participação é essencial, uma vez que a violência doméstica nunca terminará sem que os homens estejam igualmente empenhados em extingui-la. Adicionalmente, o aspeto visual dos motociclistas a usar um casaco com um logotipo anti violência doméstica, além do ruído que todas as motas farão, enviará uma mensagem muito forte e poderosa de que a violência doméstica não é aceitável”, sublinha Kim Sawyer.

“Iniciativas como a Bikers Against Domestic Violence são muito importantes para a APAV pois espelham na totalidade aquela que é sua missão e a sua visão: apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, bem como trabalhar para que em Portugal o estatuto da vítima de crime seja plenamente reconhecido, valorizado e efetivo”, considerou João Lázaro, Presidente da APAV.

Imagem de capa de motostories.in

MARKETEER

Motards alertam para a violência doméstica

🕒 27/03/2018 📁 Notícias 💬 0



Mais de 100 motociclistas vão partir de Setúbal em direcção a Campo Maior, no dia 7 de Abril. Trata-se de uma acção solidária que tem como objectivo lançar um alerta contra a violência doméstica.

Designada FLAD Bikers Agains Domestic Violence, é promovida pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) em conjunto com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Na lista de participantes confirmados consta o nome de Robert Sherman, antigo embaixador norte-americano em Portugal, e Kim Sawyer, ex-embaixatriz e directora executiva do programa Connect to Success. Quimbé e Joaquim Horta também irão pegar nas motas e fazer-se à estrada.

Kim Sawyer avança, em comunicado, que os homens estarão em maioria na FLAD Bikers Agains Domestic Violence, «o que deixa claro que a violência doméstica não é apenas uma questão feminina». A responsável acrescenta, ainda, que a participação dos homens é essencial, uma vez que «a violência doméstica nunca terminará sem que os homens estejam igualmente empenhados em extingui-la». O valor das inscrições na iniciativa reverte na totalidade a favor da APAV.



Motards na estrada alertam contra a violência doméstica

Iniciativa da FLAD Bikers Against Domestic Violence com carácter solidário.



Mais de uma centena de motards vão partir, no próximo dia 7 de abril, numa viagem simbólica de Setúbal a Campo Maior, e que pretende alertar para a violência doméstica, numa iniciativa organizada pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) em conjunto com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Bikers Against Domestic Violence é uma iniciativa de carácter solidário que também irá contar com a participação do ex-embaixador norte-americano em Portugal, Robert Sherman e da ex-embaixatriz e Directora Executiva do Connect to Success Kim Sawyer, para além de muitas outras personalidades como Quimbé e Joaquim Horta, que se quiseram associar a esta causa. O valor das inscrições neste passeio reverte na íntegra para a APAV, podendo participar todos os motociclos acima de 125cc de cilindrada.



Viagem simbólica de Setúbal a Campo Maior

"A maioria dos condutores no evento serão homens, o que deixa claro que a violência doméstica não é apenas uma questão feminina. A sua participação é essencial, uma vez que a violência doméstica nunca terminará sem que os homens estejam igualmente empenhados em extingui-la. Adicionalmente, o aspeto visual dos motociclistas a usar um casaco com um logotipo anti violência doméstica, além do ruído que todas as motas farão, enviará uma mensagem muito forte e poderosa de que a violência doméstica não é aceitável", sublinha Kim Sawyer.

"Iniciativas como a Bikers Against Domestic Violence são muito importantes para a APAV pois espelham na totalidade aquela que é sua missão e a sua visão: apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, bem como trabalhar para que em Portugal o estatuto da vítima de crime seja plenamente reconhecido, valorizado e efetivo", considerou João Lázaro, Presidente da APAV.



Passeio contra a violência doméstica

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima está a organizar o Bikers Against Domestic Violence, um passeio de moto com o objectivo de sensibilizar contra a violência doméstica e que tem uma forte componente solidária.

Por **Pedro Grilo** - Março 6, 2018



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a organizar um passeio de moto com o objectivo de sensibilizar contra a violência doméstica e que tem ao mesmo tempo uma vertente solidária: o Bikers Against Domestic Violence

Com uma inscrição de 15 euros, valor que reverte na totalidade para a APAV, o passeio está agendado para o dia 7 de Abril e será feito entre Setúbal e Campo Maior. Nele podem participar motos com mais de 125cc de cilindrada, até um máximo de 170 participantes. A data limite para a recepção de inscrições é 10 de Março e a inscrição pode ser feita [aqui](#). A inscrição inclui um welcome drink, almoço e um corta-vento que é obrigatório usar durante todo o trajecto.

Para saber mais pode visitar a página de facebook do [Bikers Against Domestic Violence](#) e aqui lhe deixamos o programa detalhado deste passeio:

- 08:30 Registo dos participantes
- 09:30 Cerimónia de abertura
- João Lázaro, Presidente APAV
- Embaixador Robert Sherman
- Presidente Maria das Dores Meira, CM Setúbal
- 10:00 Partida de Setúbal
- 11:30 Descanso 15 minutos em Évora
- 11:45 Partida de Évora
- 13:30 Chegada a Campo Maior.
- Welcome drink no terraço da Adega Mayor.
- 14:00 Almoço na Quinta Adega Mayor (Herdade das Argamassas)
- 16:00 Leilão do Capacete – marca CMS, customizado pela DKA Motorcycles, oferecido por Harley Riders Setúbal
- 16:30 Cerimónia de Encerramento
- Rita Nabeiro, Grupo Nabeiro
- Kim Sawyer



7 de Abril – Bikers Against Domestic Violence – Setúbal

Por *Raul Gomes* a 22 Março, 2018



No próximo dia 7 de abril, vai realizar-se um passeio de mota solidário, entre Setúbal e Campo Maior: *Bikers Against Domestic Violence*.

Este evento tem o objetivo de sensibilizar contra a violência doméstica e tem uma vertente solidária: o valor da inscrição reverte (na totalidade) para a APAV.

PORTUGAL

Inscrições a decorrer

Passeio motard contra a violência doméstica

Texto J.B. | Foto Pexels | 26/02/2018 | 17:34



O valor de inscrição pago pelos motards vai reverter na totalidade para a APAV. O passeio é ainda uma forma de consciencializar a população para a problemática da violência

IMAGEM

A+ A- ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

Motards com motociclos acima de 125 cilindradas são convidados a participar num passeio entre Setúbal e Campo Maior, no próximo dia 7 de abril, para «consciencializar a sociedade portuguesa para o crescente fenómeno da violência doméstica em Portugal», explicam os organizadores da iniciativa.

Com o nome «Bikers against domestic violence» (Motociclistas contra violência doméstica, em português), o evento será ainda uma ocasião para «angariar fundos» para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), através da totalidade do valor de inscrição pago pelos participantes.

A cerimónia de abertura terá lugar em Setúbal, pelas 09h30. Entre outros, intervirá na sessão João Lázaro, presidente da APAV, uma organização portuguesa que presta apoio às pessoas vítimas de violência doméstica. Antes da chegada a Campo Maior, prevista para as 13h30, haverá uma paragem em Évora. As [inscrições](#) podem ser feitas até 10 de março.

<http://diariododistrito.pt/index.php/news/12590/126/SOLIDARIEDADE-Bikers-Against-Domestic-Violence-ligara-Setubal-a-Campo-Maior>



Solidariedade

SOLIDARIEDADE – ‘Bikers Against Domestic Violence’ ligará Setúbal a Campo Maior

2018-03-05 13:46:36

O passeio de mota ‘Bikers Against Domestic Violence’ vai decorrer no dia 7 de Abril e ligará Setúbal a Campo Maior.



O evento tem o objectivo de sensibilizar contra a violência doméstica e tem uma vertente solidária: o valor da inscrição de 15 euros reverte para a APAV.

O evento é destinado a todo o tipo de motociclos acima de 125cc e terá início às 08h30, com o registo dos participantes.

O valor mínimo de inscrição inclui welcome drink, almoço e corta-vento (obrigatório usar durante o trajeto), e tem inscrições abertas até 10 de Março (limitadas a 170 participantes).

Às 09h30 irá decorrer a cerimónia de abertura, com as presenças de João Lázaro, presidente APAV, do embaixador Robert Sherman e da presidente da Câmara Municipal de Setúbal, Maria das Dores Meira.

A partida terá lugar às 10h00, com um descanso em Évora, e chegada a Campo Maior cerca das 13h30, com um welcome drink no terraço da Adega Mayor, seguido de almoço na Quinta Adega Mayor (Herdade das Argamassas).

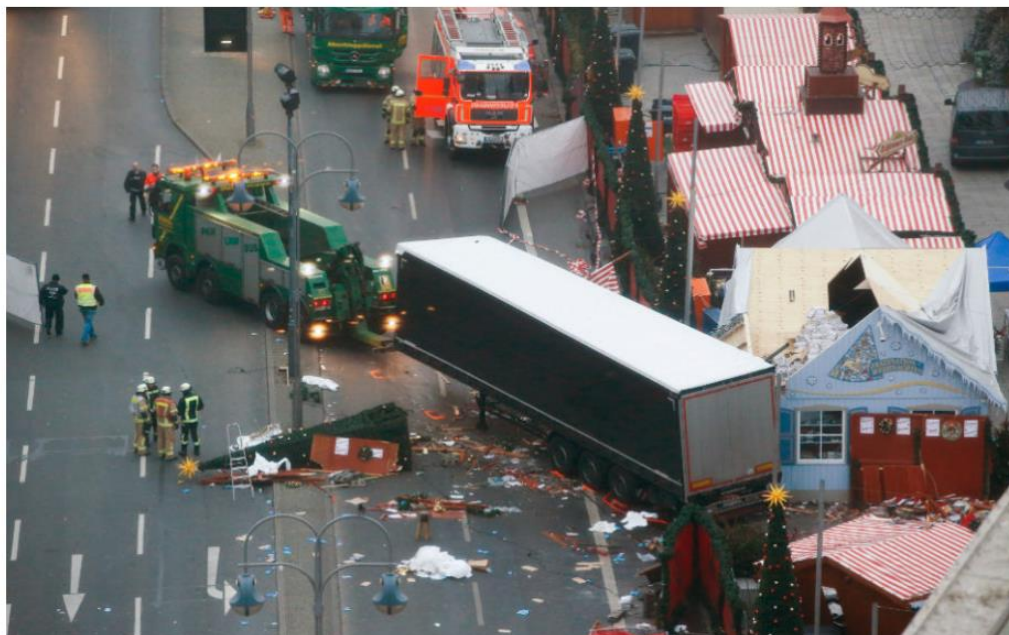
Durante a tarde terá lugar o Leilão do Capacete - marca CMS, customizado pela DKA Motorcycles, oferecido por Harley Riders Setúbal e a cerimónia de encerramento, com as presenças de Rita Nabeiro, do Grupo Nabeiro e de Kim Sawyer.

Programa e informações no evento Facebook: https://www.facebook.com/events/1802507059762069/?active_tab=about

Dia Europeu das Vítimas de Terrorismo: em Portugal há um rede de apoio a vítimas e seus familiares

Sónia Bexiga / 11 Mar 2018

O ano passado ficou ainda marcado pelo início do planeamento da APAV para dar resposta à possibilidade de ocorrência de um atentado terrorista em Portugal.



REUTERS/Fabrizio Bensch

Relembrando os atentados na estação de comboios de Atocha, em Madrid, em 2004, foi designado o dia 11 de março como o Dia Europeu das Vítimas de Terrorismo. Este atentado atingiu centenas de pessoas de várias nacionalidades.

Em Portugal, a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, desde 2016, que tem vindo a apoiar vítimas, familiares e amigos de vítimas de atentados terroristas ocorridos no estrangeiro através da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio (RAFAVH).

Este rede acompanha e apoia não só as vítimas diretas, no caso de homicídio na forma tentada, mas também os familiares e amigos que se sintam afetados pela prática dos crimes e que careçam de apoio especializado que a APAV pode proporcionar. Em 2017, a associação reforçou a presença enquanto organização que apoia vítimas de terrorismo, em território nacional e no estrangeiro, através de iniciativas como o seminário-debate sobre vítimas de terrorismo ou a presença em Dublin, na conferência da organização “Victim Support Europe”, onde foi apresentado o trabalho feito pela APAV nesta matéria, junto de vários especialistas internacionais.

A APAV também continua a participar nos trabalhos da “Radicalization Awareness Network” (RAN) onde tem sido discutido aspetos das narrativas e contra-narrativas que baseiam os discursos de ódio e extremistas e no grupo internacional de peritos em apoio a vítimas de terrorismo “IFDIS – Meeting the needs of terrorism victims, de iniciativa do Victim Support Europe”.

O ano passado ficou ainda marcado pelo início do planeamento da APAV para dar resposta à possibilidade de ocorrência de um atentado terrorista em Portugal. Este plano está a ser organizado em concordância com as instituições que tem responsabilidade de acompanhar, prever e responder a um evento terrorista. Este plano estará pronto e operacional durante o primeiro trimestre de 2018.

Casos de abuso sexual continuam a afligir

Antena 1

27 Mar, 2018, 06:49 / atualizado em 27 Mar, 2018, 15:21 | País



No primeiro trimestre de 2018 foram denunciados às autoridades mais de meia centena de casos de abuso sexual de crianças e jovens.



Estes números divulgados à Antena 1 pela "Rede Care", a entidade da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), especializada no acompanhamento de crianças e jovens alvo de violência sexual.

A jornalista Ana Jordão ficou a saber que o crime mais denunciado está relacionado com o ato sexual de relevo praticado com, ou em, menores de 14 anos.

O ano passado, por dia, 14 mulheres pediram ajuda à APAV.

A mulher continua a ser a principal vítima mas os casos de violência sobre idosos também estão a subir.

De resto o número de atendimentos realizados pela APAV aumentou quase 20 por cento em comparação com o ano anterior.

No Código Penal português a idade mínima de consentimento sexual é de 14 anos ainda que até aos 18 anos seja possível uma condenação, considerando a natureza do crime e também o contexto em que é cometido.